

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM**



Dissertação

**REDES DE APOIO À PATERNIDADE NA ADOLESCÊNCIA:
UMA ABORDAGEM SISTÊMICA NA ENFERMAGEM**

Maria Emilia Nunes Bueno

Pelotas, 2010

MARIA EMILIA NUNES BUENO

**REDES DE APOIO À PATERNIDADE NA ADOLESCÊNCIA:
UMA ABORDAGEM SISTÊMICA NA ENFERMAGEM**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Enfermagem (Área de concentração: Práticas Sociais em Enfermagem e Saúde. Linha de pesquisa: Práticas de Atenção em Enfermagem e Saúde) da Faculdade de Enfermagem da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Enfermagem.

Orientador: Prof^a. Dr^a. Sonia Maria Könzgen Meincke

Co-orientador: Prof^a. Dr^a. Eda Schwartz

Pelotas, 2010

Catálogo na fonte:
Carmen Lúcia Lobo Giusti – CRB-10/813

B928r Bueno, Maria Emilia Nunes.

Redes de apoio à paternidade na adolescência : uma abordagem sistêmica na enfermagem / Maria Emilia Nunes Bueno; Sonia Maria Könzgen Meincke, orientadora; Eda Swchartz, co-orientadora. – Pelotas, 2010.

75f.

Dissertação (Mestrado em Enfermagem) – Programa de Pós-Graduação em Enfermagem, Faculdade de Enfermagem, Universidade Federal de Pelotas.

1. Paternidade. 2. Adolescência. 3. Apoio social. 4. Enfermagem.
I. Meincke, Sonia Maria Könzgen, orient. II. Schwartz, Eda, co-orient.
III. Título.

CDD: 610.73

Folha de Aprovação

Autor: Maria Emilia Nunes Bueno

Título: Redes de Apoio à Paternidade na Adolescência: uma abordagem sistêmica na enfermagem.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Enfermagem (Área de concentração: Práticas Sociais em Enfermagem e Saúde. Linha de pesquisa: Práticas de Atenção em Enfermagem e Saúde) da Faculdade de Enfermagem da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Enfermagem.

Aprovado em:

Banca Examinadora

Dra. Sonia Maria Könzgen Meincke
(Presidente)
Universidade Federal de Pelotas

Dra. Mara Regina Santos da Silva
(Titular)
Universidade Federal do Rio Grande

Dra. Luciane Prado Kantorski (Titular)
Universidade Federal de Pelotas

Dra. Rosani Manfrin Muniz (Suplente)
Universidade Federal de Pelotas

Dra. Marilu Correa Soares(Suplente)
Universidade Federal de Pelotas

AGRADECIMENTOS

Para que este trabalho de Dissertação fosse concluído, contei com a participação e auxílio de algumas pessoas importantes as quais estiveram também envolvidas em toda minha trajetória acadêmica, assim, ofereço meus sinceros agradecimentos a todos.

Muito obrigado...

*Em primeiro lugar a **Deus**, pelo dom da vida; por me fazer forte quando na verdade sou fraca, dando sempre sinais da sua proteção, esperança, amor e guia;*

*Ao meu filho **Wilians Junior**, pela aceitação, entendimento e paciência de entender as longas horas de ausência durante o tempo que fiquei dedicada às atividades acadêmicas. Pela responsabilidade com seus atos durante minha ausência. Parabéns filho, foste um menino exemplar durante este período;*

*À minha família, em especial **meus pais e minha irmã** pela dedicação e incentivo em todos os momentos difíceis. Também pela paciência e saber entender quando muitas vezes precisava me ausentar para dedicar-me a pesquisa.*

*À **Profª Drª Sonia Maria Könzgen Meincke**, pelo carinho e orientação dispensados, estando sempre disposta a ensinar e mostrar seu exemplo de pesquisadora, que tanto contribuiu para o término deste trabalho.*

*À professora **Eda Schwartz** pela disponibilidade em compartilhar o seu conhecimento na concretização deste desafio.*

*Aos **alunos integrantes do Projeto RAPAD** pela contribuição durante a coleta dos dados, bem como nas transcrições, os quais foram de suma importância para o desenvolvimento deste estudo.*

*Aos **professores do Projeto RAPAD**, pelas contribuições durante a realização da pesquisa.*

*Aos **pais adolescentes**, os quais foram os sujeitos deste estudo, pela acolhida em seus lares e pela disposição em participar da pesquisa, contribuindo para a produção de conhecimentos, bem como para o nosso crescimento pessoal.*

*À amiga **Aline** com a qual divido minhas dúvidas, dificuldades e alegrias desde a graduação e continuamos agora na pós-graduação. Que nossa amizade prossiga e sempre possamos dividir estes momentos especiais nas nossas vidas*

*Às **amigas e colegas do Mestrado** pela atenção, pelo aprendizado que dividiram durante este período com os trabalhos em grupo, os artigos escritos. Foram momentos muito especiais.*

*Aos professores da **Banca Examinadora** pelas contribuições oferecidas durante o desenvolvimento desta Dissertação.*

Resumo

Bueno, Maria Emilia Nunes. **Redes de apoio à paternidade na adolescência: uma abordagem sistêmica na enfermagem.** 2010. 75f. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) – Programa de Pós-Graduação em Enfermagem. Universidade Federal de Pelotas, Pelotas.

O estudo apresentou como objetivo conhecer as redes sociais de apoio do pai adolescente no exercício da paternidade. Trata-se de um recorte da pesquisa multicêntrica intitulada “Redes Sociais de Apoio à Paternidade na Adolescência”. Caracteriza-se por apresentar uma abordagem qualitativa, exploratória e descritiva. Utilizou como referencial teórico o Modelo Bioecológico de Urie Bronfenbrenner, do qual emergiu a valorização de compreender o ser humano, a partir de seu contexto baseado nas interações dos processos proximais nas famílias, ao longo das gerações, bem como em outros contextos. Foi desenvolvido com 14 pais adolescentes que tiveram seus filhos em um Hospital de ensino de uma Universidade Federal do Rio Grande do Sul-Brasil. A coleta dos dados deu-se por meio de entrevistas semi-estruturadas, as quais foram pré-agendadas e ocorreram no domicílio dos sujeitos seis meses após o nascimento do filho no período de junho de 2009 a junho de 2010. Os dados foram transcritos literalmente e analisados de acordo com a análise temática proposta por Minayo (2007). Evidenciaram que as redes de apoio dos pais adolescentes estavam alicerçadas principalmente nos pais, sogras, padrastos e irmãos. As ações de apoio identificadas foram de natureza, principalmente, psicológica e financeira oriundas das mães ou sogras. A família foi considerada a principal rede de apoio para a vivência da paternidade na adolescência. A partir destes dados, pode-se verificar a importância do pai adolescente obter uma rede social consistente baseada no apoio da família, a qual o auxiliou a exercitar a paternidade na fase da adolescência. Cabe também ressaltar a importância de uma rede social diversificada para este pai, tais como a escola, os amigos, a comunidade, a Unidade Básica de Saúde, favorecendo para um desenvolvimento saudável durante a adolescência o que poderá repercutir em sua vida adulta.

Palavras-Chave: Paternidade, Adolescente, Apoio social, Enfermagem.

Abstract

Bueno, Maria Emilia Nunes. **Redes de apoio à paternidade na adolescência: uma abordagem sistêmica na enfermagem.** 2010. 75f. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) – Programa de Pós-Graduação em Enfermagem. Universidade Federal de Pelotas, Pelotas.

The study presents as objective knowing the social support network to adolescent father in the exercise of fatherhood. It is about a fragment of the multicentric research titled "Social Support Networks to Fatherhood in Adolescence". It characterizes for presenting a qualitative, exploratory and descriptive approach. It has utilized as a theoretical referential the Urie Bronfenbrenner bioecological model, from which emerged the raise of comprehending the human being, from its context based in the interactions of the proximal processes in families, throughout generations, just as in other contexts. It was developed with 14 adolescent fathers who had their child in a school hospital from a federal university from Rio Grande do Sul – Brazil. The interviews were pre-scheduled and occurred in the house of the subjects six months after the birth of the child in the period from June of 2009 to June of 2010. Data were literally transcribed and analyzed according to thematic analysis proposed by Minayo (2007). The data showed the support networks of the teenage fathers were based mainly in the parents, mothers-in-law, stepparents and siblings. The support actions identified were mainly from psychological e financial nature from the mothers or mothers-in-law. The family was considered the main support network to fatherhood experience in adolescence. Based in this data, it's possible to verify the importance of the adolescent father get a consistent social network based on family support, which has helped him to exercise the fatherhood in teenage period. It's appropriate to point out the importance of a diversified social network for this father, such as the school, the friends, the community, the Health Basic Unit, benefiting for a healthy development during the adolescence that may reflect in his adult life.

Key-words: Fatherhood, Adolescence, Social Support, Nursing.

SUMÁRIO

I Projeto de Pesquisa.....	9
II Relatório de Trabalho de Campo.....	56
III Artigo: Rede Social de Apoio Vivenciada pela Paternidade na Adolescência	62

I Projeto de Pesquisa

Maria Emilia Nunes Bueno

**Redes de apoio à paternidade na adolescência: uma abordagem sistêmica
na enfermagem**

Projeto de Dissertação apresentado a Banca de Qualificação do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem, em nível de Mestrado, da Universidade Federal de Pelotas.

Orientadora: Prof^a Dr^a Sonia Maria Könzgen Meincke

Co-Orientadora: Prof^a Dr^a Eda Schwartz

Pelotas, 2010

SUMÁRIO

1 Introdução.....	12
1.1 Objetivos.....	17
1.1.1 Objetivo geral.....	17
1.1.2 Objetivos específicos.....	17
2 Revisão de Literatura.....	18
2.1 Contextualizando a Adolescência.....	18
2.2 Contextualizando a Paternidade na Adolescência.....	20
2.3 Redes sociais de apoio para o exercício e a vivência da paternidade na adolescência.....	23
3 Referencial teórico.....	26
3.1 Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano (TBDH).....	26
4 Metodologia.....	34
4.1 Caracterização do estudo.....	34
4.2 Local do estudo.....	35
4.3 Sujeitos do estudo.....	35
4.4 Critérios para a seleção dos sujeitos.....	35
4.5 Procedimentos para a coleta de dados.....	36
4.6 Princípios éticos.....	37
4.7 Análise dos dados.....	38
4.8 Divulgação dos resultados.....	38
4.9 Cronograma.....	39
5 Recursos Envolvidos.....	39
5.1 Recursos Humanos.....	39
5.2 Recursos Materiais e Plano de Despesas.....	39
Referências.....	41
Anexos.....	48

1 Introdução

O processo evolutivo do ser humano depende de diversos fatores os quais envolvem cuidados com a saúde bio-psico-social, bem como uma interação de hábitos, estilo de vida e suporte social que podem proporcionar um desenvolvimento saudável (LIMA et al., 2004).

A interrelação desses fatores possibilita o progresso da criança, contribuindo também para a sua socialização, considerada um elemento essencial para o desenvolvimento cognitivo infantil (ANDRADE et al., 2005).

O pai desempenha um papel importante neste processo, tanto para o desenvolvimento social quanto cognitivo da criança. Sua ausência, principalmente durante o desenvolvimento infantil, poderá acarretar dificuldades durante esta etapa (MARSHALL, 2001).

Inúmeros estudos têm demonstrado que tanto a ausência quanto o comportamento paterno podem influenciar no desenvolvimento infantil, causando problemas psicológicos, de interação social bem como de competência intelectual (CORNEAU, 1991; SILVEIRA, 1998; MARSHALL, 2001; CIA et al, 2005).

Uma investigação realizada por Frosch e Mangelsdorf (2001), com 78 pais e mães americanos, mostrou que crianças com maior índice de problemas de comportamento, tanto na escola quanto no ambiente familiar, tinham o pai com uma conduta mais hostil, evidenciando assim, a importância do tipo de conduta paterna durante o desenvolvimento do ser humano.

O desenvolvimento do ser humano, segundo a Teoria Bioecológica de Urie Bronfenbrenner, depende de uma estrutura interpessoal ampla, a qual

requer os processos proximais¹ auxiliando na formação da rede de apoio (BRONFENBRENNER, 1996).

Esta ausência do pai durante o desenvolvimento da criança poderá ser influenciado pela qualidade dos processos proximais. Então a forte influência dos processos proximais para o desenvolvimento humano, ou seja, a interação entre pai e filho, principalmente nos primeiros anos de vida, pode ser fundamental para um desenvolvimento saudável.

Evidencia-se a importância que a presença paterna possui desde a gestação bem como o envolvimento em todas as etapas de crescimento e desenvolvimento infantil facilitando o desenvolvimento do ser humano, auxiliando na passagem do mundo da família para o da sociedade bem como na construção da identidade.

Segundo Muller (2005), o vínculo do pai com o seu filho pode iniciar com a gestação. Ele participará de todas as etapas de desenvolvimento da criança desde a sua concepção, o que poderá trazer benefícios e torná-la um adulto psicologicamente saudável. O autor coloca ainda que isso também influenciará futuramente ao adulto a ter uma boa relação com a própria paternidade, quando ela acontecer.

Meincke (2007) no estudo que realizou com adolescentes, também salientou que a ausência de vínculo com o pai se refletirá posteriormente no exercício da paternidade, podendo apresentar maiores dificuldades em lidar com seus filhos.

As dificuldades na vivência da paternidade podem tornarem-se ainda maiores quando este pai está na adolescência, visto que nesta fase do desenvolvimento humano a pessoa está em constante processo de transformação, tanto biológica quanto psicológica e social.

É nesta fase que ocorre também a construção da identidade, a qual segundo Meincke (2007) tem como base um referencial de mundo aprendido na família, que foi/é construído/propagado entre as gerações. Ao vivenciar o início da adolescência, esse referencial geralmente começa a ser questionado, bem como seus valores. O adolescente defronta-se, então, com outras

¹São considerados interações recíprocas progressivas e complexas que acontecem ao longo do tempo entre um ser humano ativo, em evolução e as pessoas, objetos e símbolos em seu ambiente externo imediato. (BRONFENBRENNER; EVANS, 2000)

referências, experimentando novas situações na convivência com outras pessoas, entre estas os amigos, dando forma à sua identidade.

Neste sentido, para compreender a adolescência é necessário observar o ser humano inserido no seu contexto de vida acompanhando suas fases de amadurecimento.

A adolescência pode ser considerada uma fase peculiar, na qual ocorrem momentos de definições de identidade, sexual, profissional, valores, entre outros, em busca da maturidade (PERES; ROSENBERG, 1998). Assim, o adolescente encontra-se numa fase na qual ocorre grandes mudanças e adaptações ao deixar a infância e entrar para a fase adulta (ALMEIDA; PINHO, 2008).

Ao se deparar com a paternidade nesta fase, o adolescente pode apresentar maior dificuldade em lidar com este processo, visto que ocorre uma mudança abrupta de papéis, em que o adolescente interrompe uma fase de diversas transformações e construções para vivenciar a paternidade e assumir responsabilidades que seriam adquiridas somente na fase adulta.

Segundo Silveira (1998), a paternidade é uma relação construída e reconstruída a todo momento e seu exercício se dará a partir de um conjunto de práticas diversas inseridas na relação entre duas pessoas. Meincke (2007) corrobora esta ideia quando salienta que a paternidade se dá através de uma constante co-construção junto as famílias.

Sendo assim, o exercício da paternidade proporciona o desenvolvimento de práticas e habilidades de cuidado, bem como vivências adquiridas através dele. Estas experiências também são co-construídas com o suporte que o pai adolescente recebe da família, amigos e vizinhos, tecendo assim a rede social de apoio para exercitar/vivenciar a paternidade nesta fase da vida do ser humano.

A paternidade durante a adolescência, muitas vezes, é vista como um fator de risco para o crescimento e desenvolvimento saudável, visto que esta fase da vida é considerada uma fase com características peculiares, pois o adolescente está estruturando sua personalidade, seus valores, buscando seu auto-conhecimento e conseqüentemente poderá ter dificuldades para exercitar a paternidade.

Portanto, um olhar especial ao pai adolescente pode trazer benefícios que irão contribuir não apenas para a formação e desenvolvimento do mesmo, mas também para a criança, que necessita criar um vínculo com o pai e que este esteja apto a desenvolver seu papel.

Neste sentido, a rede social de apoio pode suprir a maioria das necessidades que este pai poderá apresentar durante este período, oferecendo uma base de sustentação para que ele exercite o seu novo papel, frente à criança, à família e a sociedade, conduzindo para o desenvolvimento de uma família saudável.

Segundo Bronfenbrenner (1996 p.65), rede social é “um sistema de interação seqüencial” formado por pessoas que podem apoiar, mesmo sem que o ser humano em desenvolvimento esteja presente. As redes sociais mais comuns e extensivas são aquelas que interligam os ambientes ecológicos e, por isso, constituem elementos de um mesossistema ou exossistema².

O adolescente (pessoa) que está vivenciando o processo da paternidade pode encontrar na rede de apoio a sustentação para uma efetiva estruturação individual e social, bem como para o exercício da paternidade.

Desta maneira apóio-me em Amparo (2008) ao destacar que o adolescente conseguirá um melhor enfrentamento para exercitar a paternidade quando possuir uma rede social de apoio efetiva, a qual poderá contribuir para a manutenção do desenvolvimento saudável, bem como no exercício da paternidade.

Assim, salienta-se a importância da rede social e dos vínculos apoiadores³ para o desenvolvimento, co-construção e reconstrução da paternidade a fim de fortalecer o exercício e o vínculo paterno principalmente na adolescência.

Desta forma, a rede social de apoio também se apresentam de forma dinâmica, modificando-se a qualquer momento, ou seja, constituem-se e

² Mesossistema é definido como as inter-relações entre dois ou mais ambientes nos quais a pessoa em desenvolvimento participa ativamente. O exossistema compreende as ligações e processos que ocorrem entre dois ou mais ambientes, sendo que em pelo menos um deles a pessoa em desenvolvimento não está presente, mas no qual os eventos acontecem de maneira que a influência indireta se processa dentro do ambiente imediato em que a pessoa vive (BRONFENBRENNER; MORRIS, 1998).

³ Segundo Bronfenbrenner (1996), os vínculos ocorrem sempre que há a passagem de um ambiente para outro, permitindo/facilitando a ocorrência de ligações entre os ambientes.

dissolvem-se, bem como comportam diversos tipos de relações estáveis ou instáveis (CARVALHO et al, 2006).

Para Sluzki (1997), a rede social é a soma de todas as relações que um indivíduo percebe como significativas ou define como diferenciadas da massa anônima da sociedade. Dentro desta perspectiva, compreende-se que esta rede é formada a partir dos vínculos apoiadores que o adolescente possui tornando-se indispensáveis para o exercício da paternidade.

Neste sentido, torna-se instigante buscar o conhecimento a respeito da existência da rede de apoio dos pais adolescentes a fim de compreender como ocorre o processo da paternidade durante esta fase da vida.

Foi a partir de leituras e do conhecimento adquirido devido minha participação junto a pesquisa multicêntrica “Redes Sociais de Apoio à Paternidade na Adolescência” - RAPAD⁴, que observei a lacuna teórica existente no que se refere ao tema. Pesquisas demonstram uma carência de estudos nesta área, quando comparados a paternidade em geral e a maternidade adolescente (LEVANDOWSKI, 2001; CORRÊA, 2006; MEINCKE, 2007).

Acredita-se que a Enfermagem ao conhecer a realidade da vivência da paternidade dos adolescentes estará contribuindo para a atenção em saúde a esta população específica. Segundo Dias et al (2007), ela pode desenvolver um papel de mediador dentro da família bem como nas redes sociais de apoio, motivando, trazendo reforços, validando comportamentos positivos e reconhecendo os pontos de fragilidades junto ao ambiente deste pai adolescente.

Desta maneira, a contribuição do profissional Enfermeiro é de suma importância na busca de novas políticas voltadas para a inserção dos pais adolescentes nos serviços de saúde, promovendo assim, programas que tragam subsídios para este pai exercitar a paternidade.

⁴ Pesquisa coordenada pela Prof^a. Dr^a. Sonia Maria Könzgen Meincke que esta acontecendo em três hospitais universitários vinculados as universidades públicas de três estados brasileiros: Hospital Escola da Universidade Federal de Pelotas (Pelotas/RS), Hospital Universitário da Universidade Federal de Santa Catarina (Florianópolis/SC), Hospital Universitário da Universidade Federal de Paraíba (João Pessoa/Pb).

Considerando que, a família (de origem e a que está sendo construída) é a principal rede de apoio do pai adolescente no exercício da paternidade e, o pai adolescente, apresenta-se em uma fase de transformações, sendo que os vínculos apoiadores proporcionam a interação no contexto para a vivência da paternidade, salienta-se a importância em conhecer as redes sociais de apoio do pai adolescente.

Este trabalho busca também preencher a lacuna teórica desta temática, bem como aprofundar conhecimentos dos aspectos subjetivos da paternidade na adolescência, além de reforçar o papel do enfermeiro no suporte ao adolescente na vivência da paternidade.

Sendo assim, a questão que norteia esta pesquisa é:

Qual a rede social de apoio do pai adolescente para exercer a paternidade?

1.1 Objetivos

1.1.1 Objetivo Geral

Conhecer a rede social de apoio do pai adolescente no exercício da paternidade.

1.1.2 Objetivos Específicos

Identificar os vínculos apoiadores do pai adolescente no exercício da paternidade.

Identificar a atenção dos profissionais do sistema de saúde na rede social de apoio do pai adolescente no exercício da paternidade.

2 Revisão de Literatura

Este estudo apresenta como tema central a paternidade na adolescência, a qual está interligada com os processos, contextos, relações e atividades durante o exercício da paternidade ao longo do tempo. Sendo assim, busco aprofundar conhecimentos sobre a adolescência, paternidade na adolescência bem como a rede social de apoio para a exercício / vivência da paternidade nesta etapa do desenvolvimento humano.

2.1 Contextualizando a Adolescência

A adolescência é considerada uma etapa importante para o desenvolvimento humano. Assim, para entender melhor esta fase inicio salientando seu significado literal, o qual deriva do latim *adolescere* (*ad*: a, para a + *olescere*: crescer), designando a condição ou processo de crescimento (ABERASTURY; KNOBEL, 1992, p. 89).

É uma etapa de questionamentos, na qual o ser humano busca outras referências para seu pensar com relação ao mundo e a si mesmo (TRINDADE, 1997). Apresenta transformações vividas nos aspectos biológicos, psicológicos e sociais (ARPINI, 2003).

Para Meincke (2007) a formação da identidade tem como base um referencial de mundo aprendido na família, que é construído e propagado entre as gerações. Ao vivenciar o início da adolescência, esse referencial geralmente começa a ser questionado, bem como seus valores. O adolescente defronta-se, então, com outras referências, experimentando novas situações na convivência com amigos, dando forma à sua identidade.

Deste modo, a convivência com amigos, particularmente nesta fase, se torna mais freqüente do que com a família. Assim, a adolescência é uma construção social e cultural determinando um período específico da vida das

peças. Caracterizada por modificações bio-psico-sociais ela é considerada uma fase peculiar, vivenciada de acordo com contexto sócio-cultural e econômico de cada ser humano. Segundo Montardo (2009) estas características são suscetíveis de alterações decorrentes de transformações nos valores socioculturais de cada época.

Os limites etários da adolescência se diferenciam entre o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), Lei nº. 8.069/90 (BRASIL, 1990), o qual considera como adolescente aquele ser humano que tem entre 12 e 18 anos; e a *World Healthy Organization - WHO* (2010), a qual delimita a adolescência como uma etapa que vai dos 10 aos 19 anos de idade.

No entanto, Campos (1996, p.14) coloca que “a idade cronológica, geralmente, é um indicador falho da idade biológica, especialmente na adolescência, devido às grandes diferenças individuais que caracterizam este período de desenvolvimento”.

Apesar de a adolescência ser classificada praticamente com o mesmo critério cronológico em nível mundial, as vivências e experiências ocorridas nesta fase acontecem de acordo com o contexto de vida de cada adolescente. Nesta fase as relações de grupo adquirem maior importância, e também começam a surgir os interesses sexuais que podem ocasionar emoções, atividades complexas e contraditórias.

Para Freud (1905) é na adolescência que se dá a finalização do processo de construção da sexualidade, através da capacidade do adolescente de procriar, processo que começa na mais remota infância.

Pereira (2007) contribui dizendo que a identidade sexual é delineada desde os primeiros momentos da vida e definida na adolescência, compreendendo a interação com os pais, fatores morais, culturais, religiosos, dentre outros. O autor coloca ainda que a sexualidade nesta fase da vida deve ser entendida como parte inerente do processo de desenvolvimento da personalidade e não como sinônimo de sexo ou relação sexual. A sexualidade apresenta-se de forma singular a cada momento da vida, desde sua concepção até a morte, mas é na adolescência que a pessoa define sua conduta na área genital e emergem as funções sexuais do adulto.

Para Heilborn (2006), a sexualidade é definida como um domínio da atividade humana dependente da aprendizagem e que deve ser compreendida

como produto de diferentes cenários, e não apenas como derivada do funcionamento bio-psíquico dos sujeitos. O aprendizado constitui-se na familiarização de representações, valores, papéis de gênero, rituais de interação e de práticas, presentes na noção de cultura sexual.

Segundo Godinho (2000, p.25) é nas modificações referentes a sexualidade que o adolescente necessita receber o apoio da família e incentivo para novas expectativas de vida para que possam elevar a sua auto-estima a fim de conseguir um desenvolvimento efetivo. O mesmo autor ressalta ainda que “a falta de lazer, maus exemplos familiares, curiosidade natural, necessidade de expressar amor e confiança, solidão, carência afetiva e necessidade de afirmação” podem acelerar o início da vida sexual do adolescente deixando-o exposto ao risco de gravidez indesejada.

De acordo com Erikson (1987) o adolescente se encontra em busca da sua própria função, do seu lugar na sociedade, porém ainda não está preparado para assumir tarefas da vida adulta, necessitando assim, de uma preparação psicológica e social, a qual pode ser oferecida pela sua rede social de apoio.

Esta rede desenvolve um papel fundamental na vida dos adolescentes, contribuindo para elevar a auto-estima e com isso obter um melhor desempenho das atividades, bem como proporcionando uma base sólida que poderá servir de apoio diante das vulnerabilidades encontradas na adolescência.

Portanto, enfatizo que a paternidade nesta fase da vida do ser humano pode estar imbricada de dúvidas, anseios, temores, o que pode influenciar no seu exercício, bem como causando um despreparo deste adolescente para lidar com o seu novo papel diante da sociedade, o de ser pai.

2.2 Contextualizando a Paternidade na Adolescência

Para entender o processo da paternidade na adolescência primeiramente considero necessário conhecer como se dá este processo no seu ambiente mais próximo, no microssistema, ou seja na família, bem como as transformações e influências sofridas neste ambiente ao longo do tempo.

Bronfenbrenner e Ceci (1994) salientam as inter-relações ocorridas no ambiente imediato, o qual depende da existência e natureza das interconexões com outros ambientes, permitindo contextualizar os fenômenos do desenvolvimento nos vários níveis do mundo social.

Segundo Andrade (2005), a família é um sistema aberto que se desenvolve na troca de relações com outros sistemas, assim, sofrendo transformações que refletem na sociedade como um todo.

As mudanças ocorridas nos papéis sociais junto às famílias nos últimos tempos trouxeram novas preocupações e discussões a respeito da paternidade. Dentre as transformações tanto no âmbito cultural, político, econômico e social das famílias, a nova organização familiar nos remete a pensar a respeito do papel do pai na sociedade atual, o qual muitas vezes apresenta-se retraído (PERUCCHI; BEIRÃO, 2007).

O modelo familiar com sua divisão de trabalho por gênero, função e estrutura hierárquica de poder apresenta-se em minoria na sociedade contemporânea (CEBOTAREV, 2003). Está cada vez mais freqüente a existência de famílias monoparentais (mãe e filhos), fato este ocasionado pela existência de mães solteiras, separação entre os casais ou ainda pelo abandono paterno (LEVANDOWSKI, 2002), o que torna a mulher como única provedora do lar sem o apoio de seu marido/companheiro.

Esta posição social vem sendo cada vez mais ocupada por mulheres no contexto das famílias brasileiras, dispendo às famílias um novo modelo, contestando o modelo tradicional (PERUCCHI; BEIRÃO, 2007). Desta forma, surgem novos arranjos, diferentes da família nuclear anteriormente dominante, constituída pelo casal e filhos. Porém, independente da sua organização, ela desempenha um papel fundamental para o desenvolvimento do ser humano.

É devido a essas transformações junto a família e conseqüentemente ao papel do pai na sociedade contemporânea que começo a discutir a respeito de sua importância trazendo um pouco da história da paternidade.

Foi no período neolítico que os egípcios e os indo-europeus iniciaram a ter consciência do papel do pai na procriação. Quando o homem inicia a manter os animais em cativeiro, começa a observar e refletir também a respeito da procriação dos animais e associá-la a paternidade. O homem daquela época começou a fazer esta associação ao ver que matando os

machos não havia procriação, refletindo então que os machos tinham algum papel no processo da reprodução. Fazendo esta associação com os seres humanos, constituíram a idéia de paternidade (DUPUIS, 1989).

A produção científica, até pouco tempo, não enfatizava a importância do papel do pai para o desenvolvimento humano (TARNOWSKI et al.,2005). As mudanças nas relações sociais ocasionam transformações contínuas nas famílias favorecendo ao afastamento do pai junto ao contexto familiar. Este fenômeno despertou o olhar de pesquisadores para as possíveis conseqüências da ausência paterna (LEVANDOWSKI,2002; MEINCKE, 2007).

O exercício da paternidade é uma relação co-construída e reconstruída a todo momento (SILVEIRA, 1998; MEINCKE, 2007). Se dá a partir de um conjunto de práticas diversas inseridas na relação entre duas pessoas, independente de sexo, opção sexual, grau de parentesco, raça ou idades daqueles que a compoñham (SILVEIRA, 1998).

Assim, a paternidade é um processo de construção que se dá através de múltiplas interações que se estabelecem entre uma pessoa e outra, principalmente com aquela que existe um maior vínculo afetivo. É marcada por transformações e mudanças em que a pessoa necessariamente busca uma nova identidade para expressar seu novo papel (SILVEIRA, 1998).

Com isso, o pai adolescente poderá apresentar maior dificuldade em lidar com esta situação, pois está vivenciando uma fase na qual sua identidade ainda está em formação e experiência um duplo papel, o de adolescente e o de pai concomitantemente.

Rodrigues et al. (2003) falam que a junção destes dois papeis pode proporcionar um período de crises, tanto influenciado pela fase da adolescência quanto às novas adaptações, reajustes interpessoais psíquico inerente a paternidade.

O autor alia também outros fatores relevantes tais como a idade, a não conclusão dos estudos e com isso a desqualificação profissional para o impasse vivenciado no exercício da paternidade na adolescência.

Estudos demonstram que as maiores dificuldades enfrentadas na vivencia da paternidade na adolescência são associadas a carência econômica, frustrações no processo paternal, bem como precariedade de serviços de apoio e/ou família o que poderá prejudicar o desempenho do

exercício da paternidade (SCHELEMBERG et al., 2007; CARVALHO et al., 2009).

No entanto, Meincke (2009) salienta, em seu estudo sobre os sentimentos do pai adolescente junto a família, que mesmo diante das dificuldades encontradas para experienciar a paternidade, o adolescente procurou adaptar-se a nova situação, bem como enfatizou os sentimentos positivos, apesar das alterações que ocorreram em sua vida.

Diante disso, cabe salientar que o processo da paternidade na adolescência é um fenômeno complexo, que pode desencadear dúvidas e anseios os quais são difundidos no microssistema do pai adolescente. Neste aspecto saliento a importância da rede social de apoio como um fator relevante para esta vivência.

2.3 Rede social de apoio para o exercício e a vivência da paternidade na adolescência

Para compreendermos a rede social junto ao exercício da paternidade, é necessário direcionarmos nosso olhar para o paradigma da visão ecológica de mundo, o qual “reconhece a interdependência fundamental de todos os fenômenos, e o fato de que, enquanto indivíduos e sociedades, estamos todos encaixados nos processos cíclicos da natureza”, sendo dependentes dos mesmos, observando o ser humano junto ao seu ambiente natural e social. (CAPRA, 1996, p.25)

Assim, a visão ecológica nos traz a percepção do ser humano integrado a seu contexto (micro, meso, exo e macrossistema) o qual pode ser observado ao longo do tempo (BRONFENBRENNER, 1996).

De acordo com Meneses (2007), o tempo é um fator considerado importante para a conformação da rede social e das transições ecológicas, pois estas se modificam de acordo com cada etapa da vida. É através do tempo no exercício da paternidade que o adolescente irá adquirir as vivências como pai.

A partir do paradigma ecológico, podemos considerar a rede social como o conjunto de pessoas em uma população e suas conexões, ou seja, cada indivíduo está ligado a outros indivíduos, que por sua vez também estão

conectados a outras pessoas (BARBOSA; BYINGTON; STRUCHINER, 2000; MENESES, 2007).

De acordo com Bronfenbrenner (1996), a rede social é entendida como sistemas de interação seqüencial e para que ocorram é preciso no mínimo três pessoas, podendo oferecer apoio à pessoa em desenvolvimento mesmo que ela não esteja presente.

Sluzki (1997) aborda a rede social como o conjunto de todas as relações que uma pessoa entende como significativas ou distinguidas da massa anônima que é a sociedade. Esta rede é o nicho interpessoal da pessoa e colabora para seu reconhecimento e auto-imagem. Está formada pela família, amizades, relações de trabalho ou estudo e relações com a comunidade.

É considerada também por Meneses (2007) como um sistema semi-aberto em permanente construção, que se estabelece individual e coletivamente. De acordo com esta autora, a rede de apoio social são denominadas como o conjunto de relações que desempenham funções de apoio, sendo este apoio considerado uma função da rede social estando presente junto às relações íntimas e de confiança encontradas no microsistema.

Dias et al. (2007), ressaltam que as redes de apoio se referem a um conjunto de ligações específicas entre pessoas, com a propriedade adicional dos laços que são usados para interpretar o comportamento da pessoa envolvida.

De acordo com Andrade e Vaitsman (2002, p.928), “o apoio social que a rede proporciona remete ao dispositivo de ajuda mútua, potencializado quando uma rede social é forte e integrada.” Os autores salientam ainda que o apoio social ao qual se referem são direcionados aos aspectos positivos das relações sociais, como informações compartilhadas e o subsídio em momentos difíceis

Os suportes sociais são fundamentais para a manutenção da saúde mental, bem como para o enfrentamento de novas situações, como tornar-se pai (DESSEN; BRAZ, 2000). Assim, para o exercício da paternidade na adolescência, são exigidas novas estratégias para lidar com as tarefas de desenvolvimento, capacidade de adaptação e habilidades para lidar com a nova situação.

Os autores ressaltam ainda que as pessoas que compõem a rede social de apoio e as funções que exercem mudam de acordo com o contexto sócio-cultural, o tempo histórico e o estágio de desenvolvimento do indivíduo e da família enquanto grupo. Um dos momentos em que se verificam alterações nesta rede social é quando a família passa por transições decorrentes do nascimento de filhos.

De acordo com Guerra (2006), a rede de apoio social ocorre através de um processo mútuo, inter-relacionando a pessoa e sua rede de apoio de modo dinâmico, no sentido de promover o bem-estar físico e psicológico, podendo romper o isolamento individual minimizando os riscos de exclusão social e, conseqüentemente, danos à saúde, por meio de medidas de Promoção de Saúde.

De acordo com Silva et al. (2009, p.98) as redes de serviços disponíveis na comunidade podem oferecer “ajuda, apoio, serviços concretos e alimentar a sensação de segurança, de pertencimento a comunidade e os vínculos com o mundo social”.

Neste contexto, saliento a necessidade dos serviços de saúde estarem integrados nas redes de apoio dos pais adolescentes, oferecendo suporte para o exercício da paternidade.

Dias et al (2007) destaca o papel da enfermeira junto às famílias na promoção da saúde, realizando uma intermediação as redes de apoio social, motivando, trazendo reforços, validando comportamentos positivos e reconhecendo as fontes de estresse.

Sendo assim, a rede social facilita e auxilia no exercício da paternidade de modo que proporcionam ao pai adolescente trocas de experiências junto ao contexto no qual se encontra.

Desta maneira, a construção da identidade, da subjetividade e da representação de ser pai acontece em “contextos históricos, culturais e afetivos específicos, com suas marcas e significados, formando a rede social que podem variar de geração para geração”.(MEINCKE, 2007,p.41)

Assim, a família torna-se uma estrutura que pode oferecer ao pai adolescente apoio para o exercício da paternidade.

3 Referencial Teórico

3.1 Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano (TBDH)

Com o intuito de compreender de uma maneira sistêmica as redes sociais de apoio do pai adolescente bem como suas vivências no exercício da paternidade, este estudo será subsidiado no Modelo Bioecológico do Desenvolvimento Humano de Urie Bronfenbrenner.

A TBDH de Bronfenbrenner⁵ possui uma abordagem sistêmica e é um dos principais referenciais teóricos que está sendo utilizado para o estudo do desenvolvimento humano. Destaco entre eles Alves et al., (1999); Pearson (2001); Franco e Bastos (2002); Bhering e De Nez (2002); Mathiese, Herrera, M. O. e Herrera, I. R. (2004); Molinari, Silva e Crepaldi (2005); Goldberg, Yunes e Freitas (2005). Outros estudos foram desenvolvidos, com indivíduos e famílias que vivenciam situações de risco: Alves et al (1999), Alves (2004), Koller (2004). Saliento também que o referido referencial vem sendo utilizado também pela Enfermagem em seus estudos, sendo citados: Schwartz (2002), Martins (2005), Silva (2006), Meincke (2007) e Zillmer (2009).

Os pensamentos de Bronfenbrenner desenvolvidos em sua teoria mudaram a forma como muitos cientistas vêem o mundo, e o fez para melhorar a qualidade de vida de muitos. Sua teoria sobre a ecologia do desenvolvimento humano tem sido responsável por isto, desde 1979.

⁵ Urie Bronfenbrenner nasceu em Moscou em 29 de abril de 1917 e foi para os Estados Unidos aos seis anos de idade. Viveu toda sua vida neste país, mas sempre manteve suas raízes russas, marcadas pelo cultivo da cultura e da língua-mãe. Completou seus estudos fundamentais em Haverstraw, no estado de Nova York, e recebeu seu grau de Bacharel em Psicologia e Música, em 1938, por Cornell. Fez Mestrado na Harvard University e o Doutorado na University of Michigan terminando em 1942.

O fato de ser aberto ao diálogo e à revisão de seu próprio pensamento manteve suas idéias em constante discussão e revisão, apropriando-se dos fatos do cotidiano e da evolução da ciência em várias disciplinas (KOLLER, 2005).

Sua teoria foi reformulada e reestruturada devido ao olhar crítico de seu principal teórico, Urie Bronfenbrenner e seus colaboradores. As alterações deram origem ao Modelo Bioecológico de Desenvolvimento Humano, e atualmente, à Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano (TBDH) (PRATI et al, 2008).

A TBDH foi publicada no final dos anos 70 expondo importantes paradigmas a respeito do desenvolvimento e seu planejamento em ambientes naturais (MARTINS; SZYMANSKI, 2004). O referencial foi escolhido para subsidiar este estudo porque aborda o comportamento do ser humano (Pessoa) através das relações/interações que ele apresenta com outras pessoas e ambientes (contexto) durante o ciclo do desenvolvimento humano (Processo) através das gerações (Tempo).

O primeiro modelo teórico delineado por Bronfenbrenner (1996) tinha como foco principal o ambiente, ou seja, o contexto em que o ser humano (pessoa) estava inserido e a maneira como ele o percebia, mais do que como ele se configurava, era fundamental para compreender o desenvolvimento humano. No ano de 1992, Bronfenbrenner denominou suas proposições de Teoria dos Sistemas Ecológicos (TSE) e contemplou de forma mais detalhada os aspectos do desenvolvimento vinculados à pessoa (PRATI et al., 2008).

Assim, a TSE destaca a importância e a influência dos ambientes ecológicos e suas relações para o desenvolvimento humano, procurando compreender e explicar o comportamento a partir das relações e interações que os seres humanos estabelecem com os seus contextos de vida (BRONFENBRENNER e MORRIS, 1998).

Assim sendo as interações possibilitam o acesso às oportunidades de crescimento (BRONFENBRENNER, 1996). Deste modo, a paternidade na adolescência pode desencadear a oportunidade de desenvolvimento/amadurecimento e formação de vínculos afetivos, visto que há a possibilidade de ocorrer uma participação e interação ativa e progressiva

do pai com os ambientes e as pessoas, havendo uma relação multidirecional, com os elementos inter-relacionados, proporcionando assim a vivência e o exercício da paternidade.

Para Santos et al. (2002), a medida em que o adolescente vai entrando em contato com novos contextos e interações sociais, ele necessariamente irá desenvolver e aprimorar suas habilidades, criando oportunidades para novas interações pessoa-contexto. A partir deste processo, o exercício da paternidade na adolescência pode ser influenciador nas interações e conseqüentemente propiciar o desenvolvimento do pai adolescente.

Bronfenbrenner (1996) destaca que a pessoa em desenvolvimento não é considerada uma tábua rasa, mas como uma entidade em crescimento dinâmico que progressivamente penetra no meio em que reside e o reestrutura. Assim, uma vez que o meio ambiente também exerce sua influência exigindo um processo de acomodação mútua, a interação entre a pessoa e o meio ambiente é considerada como bidirecional, isto é, caracterizada por reciprocidade. O meio ambiente, definido como relevante para os processos desenvolvimentais, não se limita a um ambiente único, imediato, mas inclui as interconexões entre esses ambientes (BRONFENBRENNER, 1996, p. 18).

Deste modo, percebo que ao se inserir nos diferentes contextos o pai adolescente estará vivenciando o seu papel de pai interagindo com outras pessoas (pais) que no exercício da paternidade poderão estar colaborando com o mesmo e proporcionando uma rede de apoio para exercitar a paternidade.

Neste olhar, o adolescente ao viver a transição ecológica para a paternidade, em uma fase em que várias mudanças estão ocorrendo, pode ser ou se tornar capaz de desenvolver suas atividades motivado pelo próprio acontecimento bem como pelas suas experiências trazidas ou vividas em outros contextos.

A transição ecológica ocorre sempre que a posição de uma pessoa no ambiente ecológico se altera como resultado de uma mudança de papel, ambiente ou de ambos, promovendo o que o autor chama de movimento através do espaço ecológico (BRONFENBRENNER, 1996).

O ambiente ecológico, segundo Bronfenbrenner (1979), é considerado como vários sistemas interligados que interagem entre si. Assim, as pessoas

se desenvolvem dentro de um sistema de relações/alterações, sendo afetadas por múltiplos níveis do ambiente, desde o mais próximo (microssistema) até o ambiente que talvez nunca participe (exo e macrosistema).

Ao reportar-se a origem da palavra sistema, destaca-se que é de origem grega, deriva de *synhistanai*, o que significa “colocar junto”. Para Capra (2001) as propriedades essenciais do sistema são as relações entre suas partes visto como um todo integrado.

Desta forma, para compreender a paternidade na adolescência é necessário observar o pai adolescente como um todo funcional interagindo junto ao contexto do ambiente imediato (microssistema) bem como na família, escola (mesossistema) até mesmo nos ambientes em que ele não necessariamente esteja presente porém podendo afetar indiretamente no seu contexto (exo e macrosistema).

Assim, o processo desenvolvimental do pai adolescente (Processo, Pessoa, Contexto e Tempo) também está relacionado aos demais componentes do Modelo Bioecológico, os quais estão relacionados com o ser humano em desenvolvimento. (BRONFENBRENNER; MORRIS, 1998).

O **processo** é destacado como o principal mecanismo responsável pelo desenvolvimento. Refere-se às interações recíprocas do ser humano ativo, biopsicologicamente em evolução, com as pessoas, objetos e símbolos presentes no seu ambiente imediato (BRONFENBRENNER; CECI, 1994).

Para ser efetiva, a interação deve ocorrer ao longo do tempo. Essas formas duradouras de interação nos ambientes imediatos são identificadas como processos proximais. Exemplos de padrões duradouros de processos proximais são encontrados em atividades conjuntas mãe-criança, pai-criança ou criança-criança, brincadeira solitária ou em grupo, leitura, aprendizagem de novas habilidades, estudo, atividades esportivas entre outras.

Os processos proximais entre a pessoa e seus ambientes operam no tempo e constituem os mecanismos primários do desenvolvimento humano.

Segundo Meincke (2007), é através dos processos proximais no cotidiano, que as atividades e os papéis dos pais se vinculam com a dos filhos formando díades, tétrades, entre outros, com os demais componentes da família, construindo assim a paternidade. Percebe-se que as interações

durante os processos proximais podem contribuir na vivência da paternidade na adolescência.

A **pessoa** é compreendida envolvendo tanto as características biopsicológicas quanto aquelas construídas na interação entre ser humano e ambiente no decorrer da sua existência (BRONFENBRENNER; MORRIS, 1998, MARTINS e SZYMANSKI, 2004).

O Modelo Bioecológico enfoca a importância das características do ser humano em desenvolvimento tais como convicções, níveis de atividade, temperamento, além de suas metas e motivações. Características do tipo pessoais como gênero ou cor da pele, podem influenciar na interação entre as pessoas em desenvolvimento, podendo nutrir ou romper a operação de processos de crescimento psicológico (BRONFENBRENNER; MORRIS, 1998). Assim, neste modelo, o desenvolvimento está relacionado com as características biopsicológicas da pessoa durante o seu ciclo de vida.

Três aspectos dessas características biopsicológicas são importantes para o desenvolvimento humano: disposições, recursos e demanda. As disposições podem desencadear e manter os processos proximais; os recursos bioecológicos de capacidade, habilidade, experiência e conhecimento são necessários para que os processos proximais sejam efetivos em determinada fase do desenvolvimento; já as características de demanda, que convidam ou desencorajam reações do contexto social que pode fomentar ou romper a operação de processos proximais (BRONFENBRENNER; MORRIS, 1998).

O **contexto** se refere ao meio ambiente em que a pessoa está inserida o qual acontece o desenvolvimento humano. Ao definir ambiente ecológico Bronfenbrenner (1996) faz uma analogia a um conjunto de bonecas russas, ou seja, ele o define como uma série de estruturas concêntricas encaixadas uma dentro da outra. Essas estruturas são denominadas de microssistema, mesossistema, exossistema e macrosistema.

O ambiente, segundo Bronfenbrenner (1996), é um sistema integrado estruturado de instâncias, sendo que suas influências se articulam. Dessa maneira, o **microssistema** é o ambiente onde as atividades, papéis e relações interpessoais são experienciadas, é um contexto singular no qual as pessoas se relacionam face a face, com características físicas, sociais e simbólicas

particulares, que convidam, permitem ou inibem o engajamento que é sustentado por interações progressivamente mais complexas, a atividade, no ambiente imediato (BRONFENBRENNER; MORRIS, 1998, p. 1013).

Por conseguinte, é nesse meio que se processa o desenvolvimento, no qual a pessoa interage com outros seres humanos e desta maneira se processa a construção para o exercício da paternidade. O microsistema do pai adolescente, pode ser a família, os amigos, a comunidade, a igreja, a escola, os serviços de saúde, nos quais existe uma interação face a face contribuindo para o desenvolvimento dos processos proximais que podem estarem presentes nas redes sociais de apoio do pai adolescente.

O papel é descrito por Bronfenbrenner, (1996, p. 68-69), “como uma série de atividades e relações esperadas de uma pessoa que ocupa uma determinada posição na sociedade e de outro em relação àquela pessoa.” Sendo assim, os papéis são, normalmente, os rótulos usados para designar posições sociais ou grupos culturais ao qual a pessoa pertence (ZILLMER, 2009).

O **mesossistema**, de acordo com Bronfenbrenner (1996, p. 21, 161), “Inclui as inter-relações entre dois ou mais ambientes nos quais a pessoa em desenvolvimento participa ativamente”. O mesossistema é formado ou ampliado sempre que a pessoa em desenvolvimento entra e se torna participante ativa num novo ambiente. As transações de papel e as atividades, no mesossistema, ocorrem entre as fronteiras dos ambientes. Os microsistemas, família, escola, grupos comunitários e de assistência a saúde podem integrar o mesossistema dos pais adolescentes.

O **exossistema** “compreende um ou mais ambientes que não envolvem a pessoa em desenvolvimento como um participante ativo, mas no qual ocorrem eventos que afetam, ou são afetados, por aquilo que acontece no ambiente contendo a pessoa em desenvolvimento” (BRONFENBRENNER, 1996, p. 21). Três exemplos são citados por Bronfenbrenner (1996) no caso de uma criança pequena, no qual podem ser considerados: “o local de trabalho dos pais, uma sala de aula de um irmão mais velho, a rede de amigos dos pais, as atividades da diretoria da escola local”, entre outros. Neste estudo, o

exossistema dos pais adolescentes poder ser representado pela rede social de apoio e a comunidade em que a família está inserida.

A **rede social** é definida por Bronfenbrenner (1996) como um sistema de interação seqüencial formada por indivíduos que podem apoiar a pessoa em desenvolvimento mesmo que esta não esteja presente. As redes sociais extensas e mais comuns são aquelas que ultrapassam os ambientes e, portanto constituem elementos do micro, meso ou exossistema.

As redes sociais desempenham importantes funções no desenvolvimento da pessoa, proporcionando um canal indireto de comunicação, na ausência de um vínculo direto com a pessoa em desenvolvimento de um contexto para outro.

Sendo assim, as redes sociais facilitam e auxiliam no exercício da paternidade de modo que proporcionam ao pai adolescente trocas de experiências junto ao contexto no qual se encontra.

O **macrossistema** refere-se à uma dada cultura ou subcultura na forma e conteúdo dos seus micro, meso e exossistemas constituintes, e a qualquer sistema de crença ou ideologia (BRONFENBRENNER, 1996). É o sistema mais amplo que envolve todos os outros ambientes, formando “uma rede de interconexões que se diferenciam de uma cultura para outra” (MARTINS; SZYMANSKI, 2004). Pode-se citar como exemplo as políticas públicas, de educação e de promoção à saúde, o Estatuto da Criança e do Adolescente.

O **tempo**, que é o quarto componente do Modelo Bioecológico, possibilita estudar a influência sobre o desenvolvimento humano de mudanças e continuidades que ocorrem ao longo do ciclo vital. É analisado em três níveis: micro, meso e macrotempo. O **microtempo** “refere-se à continuidade versus descontinuidade, dentro de episódios contínuos de processo proximal”. O **mesotempo** “é a periodicidade destes episódios ao longo de intervalos maiores de tempo, tal como dias e semanas”. O **macrotempo** “foca as expectativas e eventos mutáveis na sociedade mais ampla, tanto dentro quanto através das gerações, uma vez que elas afetam e são afetadas por processos e resultados do desenvolvimento humano ao longo do curso da vida” (BRONFENBRENNER; MORRIS, 1998, p.995).

O modelo bioecológico permite compreender o ser humano em desenvolvimento interagindo junto ao ambiente ecológico destacando que os processos ocorrem junto aos contextos através de interações em diversos níveis de diferentes sistemas. Por conseguinte, saliento que os processos vivenciados pelo homem, através das gerações favorece o exercício da paternidade nos diferentes contextos.

4 Metodologia

4.1 Caracterização do estudo

Este estudo caracteriza-se por apresentar uma abordagem qualitativa, exploratória e descritiva, uma vez que busca conhecer a rede social de apoio do pai adolescente no exercício da paternidade.

Para Neste estudo aplica-se a pesquisa qualitativa tendo como foco a subjetividade do sujeito e as relações humanas com suas ações, não se preocupando em quantificar o que apreende da realidade, indo ao encontro do que se pretende desenvolver através deste trabalho (Minayo, 2007).

A natureza exploratória permite ao investigador aumentar sua experiência em torno do problema e possibilita um contato com a população do estudo para obter os resultados desejados (TRIVIÑOS, 2008)

O caráter descritivo consiste na vontade de conhecer o universo em estudo, seus problemas, sua preparação para o trabalho, além de seus valores (TRIVINÓS, 2008).

Este estudo é um recorte da pesquisa multicêntrica intitulada “Redes Sociais de Apoio à Paternidade na Adolescência” (RAPAD), da qual obtive permissão formal para utilizá-la (Anexo A). A pesquisa possui financiamento do CNPQ e está aprovada na Universidade Federal de Pelotas sob o Código: 4.04.06.014.

O RAPAD está efetivado em dois subprojetos: um quantitativo para conhecer o perfil da população de puérperas adolescentes, o qual também irá incluir dados do pai adolescente e outro qualitativo, para uma investigação mais aprofundada do tema: redes de apoio a paternidade na adolescência.

No entanto, para a realização deste estudo serão utilizados os dados do subestudo qualitativo da pesquisa RAPAD (segundo momento) que apresenta como objetivo principal conhecer as redes de apoio à paternidade na

adolescência. O estudo qualitativo do RAPAD está subdividido em dois momentos: o primeiro ocorreu logo após o nascimento do(a) filho(a) do pai adolescente e o segundo seis meses após o nascimento, o qual encontra-se em desenvolvimento.

4.2 Local do estudo

A pesquisa foi desenvolvida no domicílio dos sujeitos do estudo no período de junho de 2009 a junho de 2010.

4.3 Sujeitos do estudo

Os sujeitos do estudo serão todos os pais adolescentes que aceitaram participar no segundo momento da pesquisa RAPAD.

4.4 Critérios para seleção dos sujeitos

Para o melhor desenvolvimento do estudo e obtenção dos objetivos, os sujeitos foram escolhidos conforme os seguintes critérios de inclusão: idade inferior a 20 anos, por estar passando pela adolescência conforme critério cronológico da Organização Mundial de Saúde; residir no perímetro urbano do município de uma região sul do Rio Grande do Sul; aceitar receber o entrevistador em seu domicílio bem como o desejo de participar do estudo e assinatura do consentimento informado.

Em virtude deste estudo estar embasado no referencial teórico de Urie Bronfrenbrenner, o qual dá ênfase ao processo, a pessoa, o contexto e o tempo, acredita-se que as relações dos pais adolescentes poderão estar embasadas no contexto e nas interações recíprocas e progressivas para o exercício da paternidade.

Deste modo, para conhecer as redes de apoio do pai adolescente será necessário um período de paternidade vivenciada a fim de que as relações possam ser exercitadas, o qual proporcionará uma investigação mais adequada. Portanto, optou-se por um período de 6 meses após o nascimento do filho.

4.5 Procedimentos para a coleta de dados

Para viabilizar a coleta dos dados, são realizadas entrevistas semi-estruturadas (Anexo B), por possibilitar a introdução de questionamentos básicos e até aprofundar outras questões que poderão surgir proporcionando aos participantes a liberdade de expressão e espontaneidade que enriquecem a pesquisa. A entrevista está sendo pré-agendada com o pai adolescente, logo o nascimento de seu filho, para após seis meses de vivência da paternidade no domicílio do pai adolescente.

Juntamente com a entrevista, estão sendo feitos a revisão e a atualização do genograma e ecomapa, os quais já haviam sido confeccionados no primeiro momento da pesquisa RAPAD. Utilizou-se também, em todas as atividades de coleta de dados, a realização do diário de campo, o qual segundo Polit et al. (2004, p. 268) é “um registro dos eventos e conversas diárias, importantes para sintetizar e compreender os dados”.

Entende-se o genograma como uma árvore familiar, representando a estrutura familiar interna. É utilizado para a obtenção de dados ricos como relacionamentos ao longo do tempo, bem como, saúde, ocupação, religião, etnia e migrações (WRIGHT; LEAHEY, 2009).

O ecomapa é um diagrama que representa visualmente os relacionamentos entre os membros da família e os sistemas mais amplos, ou seja, representa as conexões importantes entre a família e o mundo. Na constituição do ecomapa a pessoa está ligada a outros círculos que representam o trabalho, pessoas significativas e instituições acessadas pela família (WRIGHT; LEAHEY, 2009).

Segundo Souza e Kantorski (2009) o ecomapa permite o detalhamento sobre a rede social e de apoio de um ser humano, enfocando tanto a percepção do apoio recebido pela pessoa quanto à reciprocidade da rede. Portanto, este diagrama será utilizado como suporte a fim de identificar as redes de apoio.

4.6 Princípios Éticos

A pesquisa RAPAD foi aprovada pelo Comitê de Ética da Faculdade de Odontologia da Universidade Federal de Pelotas no dia 24/03/2008, sob o Protocolo nº 007/2008 (Anexo C).

O presente estudo envolve exclusivamente a realização de entrevistas e não está incluído nenhum tipo de procedimento invasivo ou coleta de material biológico, ou experimento com seres humanos.

Está sendo respeitada a Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde do Ministério da Saúde, sobre Pesquisa com Seres Humanos e o Código de Ética dos Profissionais de Enfermagem⁶ (2007) no seu Capítulo III, no que diz respeito a Deveres nos artigos 89,90 e 91 e as Proibições nos artigos 94 e 98.

Este trabalho, obedecendo aos preceitos éticos, garantirá o anonimato dos sujeitos, para tanto os mesmos serão identificados por nomes fictícios escolhidos pela pesquisadora acrescidos de sua idade.

Aceitando o convite, os pais adolescentes assinaram o termo de consentimento livre e informado (Anexo D). Àqueles que apresentaram idade inferior a 18 anos, foi solicitado também a assinatura dos pais ou responsáveis que estivesse presente no momento da entrevista. Segundo a Lei nº. 10.406, de 10 de janeiro de 2002 do Código Civil Brasileiro no seu Artigo 4º determina que menores de dezoito anos são relativamente incapazes a certos atos, por isso, a necessidade da assinatura de um responsável maior de dezoito anos, idade na qual a pessoa fica habilitada a todos os atos da vida civil. Mesmo após a admissão no estudo, os pais adolescentes poderão abandoná-lo ou retirar sua entrevista da análise a qualquer momento se assim o desejarem.

⁶ Capítulo III (dos Deveres): Art. 89- Atender as normas vigentes para a pesquisa envolvendo seres humanos, segundo a especificidade da investigação; Art. 90- Interromper a pesquisa na presença de qualquer perigo à vida e à integridade da pessoa; Art. 91- Respeitar os princípios da honestidade e fidedignidade, bem como os direitos autorais no processo de pesquisa, especialmente na divulgação dos seus resultados.

Capítulo III (das Proibições): Art. 94- Realizar ou participar de atividade de ensino e pesquisa, em que o direito inalienável da pessoa, família ou coletividade seja desrespeitado ou ofereça qualquer tipo de risco ou dano aos envolvidos; Art. 98- Publicar trabalho com elementos que identifiquem o sujeito participante do estudo sem sua autorização.

4.7 Análise dos Dados

Os dados, depois de coletados por meio de entrevista e anotações no diário de campo, serão transcritos literalmente e analisados de acordo com a análise temática proposta por Minayo (2007). Os conceitos de processo, pessoa, contexto e tempo descritos na Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano também farão parte das interpretações realizadas. Portanto os dados serão classificados conforme o referencial teórico.

A análise temática busca uma afirmação a respeito de determinado assunto através da contagem de frequência das unidades de significação como definitórias do caráter do discurso (MINAYO,2007).

É dividida em etapas: a primeira etapa consta da pré-análise, na qual faz-se primeiramente uma leitura flutuante dos dados a fim de familiarizar-se com os mesmos e realizar uma análise mais profunda; a segunda etapa, ocorre a exploração do material na qual serão buscadas as categorias, que são palavras ou expressões significativas que irão organizar o conteúdo das falas e do registro do diário de campo; na última etapa, é realizado o tratamento dos resultados obtidos e a interpretação, procurando os significados, e inter-relações com a teoria (MINAYO,2007).

Para a realização do genograma e ecomapa está sendo utilizado o software Smart Draw (2009) que permite a visualização gráfica dos instrumentos.

4.8 Divulgação dos resultados

Os resultados deste estudo serão divulgados através da elaboração de um artigo científico que será apresentado juntamente com um relatório para a conclusão do Mestrado Acadêmico em Enfermagem, bem como por meio de publicação de outros artigos científicos que serão encaminhados a periódicos indexados da área da enfermagem e áreas afins.

4.9 Cronograma

No quadro abaixo está descrito o planejamento das atividades durante todo o processo de desenvolvimento e execução do projeto.

Período	2009				2010			
	1º Semestre		2º Semestre		1º Semestre		2º Semestre	
Atividades								
Revisão de literatura		X	X	X	X	X	X	X
Elaboração do projeto			X	X	X			
Exame de Qualificação do Projeto					X			
Coleta de dados						X		
Análise dos dados						X	X	
Elaboração da dissertação						X	X	X
Apresentação da dissertação (Defesa)								X

Figura 1 – Cronograma de desenvolvimento do projeto de pesquisa.

5 Recursos Envolvidos

5.1 Recursos Humanos

- Revisor de português

5.2 Recursos Materiais e Plano de Despesas

Na figura a seguir estão descritos os recursos materiais que serão utilizados para o desenvolvimento da pesquisa.

Material	Quantidade	Custo Unitário	Custo Total
Lápis*	04	R\$ 0,50	R\$ 2,00
Caneta*	03	R\$ 1,30	R\$ 3,90
Borracha*	02	R\$ 0,60	R\$ 1,20
Papel ofício*	5000	R\$ 0,05	R\$ 250,00
Impressão*	3000	R\$ 0,20	R\$ 600,00
Revisão de português	02	R\$ 150,00	R\$ 300,00
Encadernação	15	R\$ 10,00	R\$ 150,00
Xerox*	1000	R\$ 0,07	R\$ 70,00
Gravador*	01	R\$ 300,00	R\$ 300,00
Pilha palito recarregável*	02	R\$ 20,00	R\$ 40,00
Correio*	04	R\$ 42,00	R\$ 168,00
Deslocamento para realização das entrevistas*	40	R\$ 2,00	R\$ 80,00
Deslocamento para encontro com membros da banca	02	R\$ 500,00	R\$ 1.000,00
Total	-	-	R\$ 2.965,10

FIGURA 2 – Recursos materiais para o desenvolvimento do projeto.

* Custeado pela pesquisa RAPAD com financiamento do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

Referências

- ABERASTURY, Arminda; KNOBEL, Mauricio. **Adolescência normal**: um enfoque psicanalítico. 10. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992. 92p.
- ALMEIDA, M.E.G.G; PINHO, L.V. Adolescência, Família e Escolhas: Implicações na Orientação Profissional. **Psic. Clin.**, Rio de Janeiro, V.20, n.2, p.173-184, 2008.
- ALVES, Paola Biasoli et al. A construção de uma metodologia observacional para o estudo de crianças em situação de rua: criando um manual de codificação de atividades cotidianas. **Estud. Psicol. (Natal)**, v. 4, n. 2, p. 289-310, jul./dez. 1999.
- _____. O estudo sobre crianças em situação de rua na perspectiva da teoria dos sistemas ecológicos: contribuições teóricas e metodológicas. In: KOLLER, Sílvia Helena (org). **Ecologia do desenvolvimento humano**: pesquisa e intervenção no Brasil. São Paulo: Caso do Psicólogo. 2004. p. 121-142.
- AMPARO, D. M.; GALVÃO, A. C. T.; ALVES, P. B.; BRASIL, K. T.; KOLLER, S. H. Adolescentes e jovens em situação de risco psicossocial: redes de apoio social e fatores pessoais de proteção. **Estudos de Psicologia**, v.13, n.2, p.165-174, 2008.
- ANDRADE, G. R. B.; VAITSMAN, J. Apoio social e redes: conectando solidariedade e saúde. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 7, n. 4, p. 925-934, 2002.
- ANDRADE, S. A. et al. Ambiente familiar e desenvolvimento cognitivo infantil: uma abordagem epidemiológica. **Rev. Saúde Pública**, v.39, n.4, p.606-611, 2005.
- ARPINI, D. M.; QUINTANA, A. M. Identidade, família e relações sociais em adolescentes de grupos populares. **Estud. psicol. (Campinas)**, Campinas, v. 20, n.1, abr. 2003 .
- BARBOSA, M.T.S.; BYINGTON, M.R.L.; STRUCHINER, C.J. Modelos dinâmicos e redes sociais: revisão e reflexões a respeito de sua contribuição para o entendimento da epidemia do HIV. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v.16, sup.1, p.37-51, 2000.
- BHERING, Eliana; DE NEZ, Tatiane Bombardelli. Envolvimento de pais em creche: possibilidades e dificuldades de parceria. **Psic.: Teor. e Pesq.**, v. 18, n.1, p. 63-73, 2002.
- BRASIL. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. **Lei nº 8.069**. Estatuto da Criança e do Adolescente. Brasília. 1990. Disponível em:<<http://www.planalto.gov.br/ccivil/LEIS/L8069.htm>>. Acesso em: 04 março 2010.

BRASIL. Conselho Nacional de Saúde - Ministério da Saúde. **Resolução nº. 196/96**. Brasília. 1996. Disponível em:http://www.hub.unb.br/ensino/pesquisa_cns.pdf Acesso em: 06 de novembro de 2009.

BRASIL. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos.
Lei n. 10.406, de 10 de Janeiro de 2002. Institui o Código Civil. D.O.U. de 11 de janeiro de 2002, p. 1. Brasília (DF). 2002. Disponível em:
http://www3.dataprev.gov.br/sislex/paginas/11/2002/10406.htm#PG_L1_T1
Acesso em: 10 de novembro de 2009.

BRONFENBRENNER, Urie. **The ecology of human development** . Cambridge, MA: Harvard University Press, 1979.

BRONFENBRENNER, U. **A Ecologia do Desenvolvimento Humano: experimentos naturais e planejados**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996. 266p.

_____. CECI, Stephen J. Nature-nurture Reconceptualized in Desenvolvimental Perspective: a bioecological model. **Psychol. Rev.**, v. 101, n. 4, p. 568-86, Oct. 1994.

_____. MORRIS, Pamela A. The ecology of desenvolvimento process. In: DAMON, W.; SIGEL, I. E.; RENNINGER, K. A. (eds). **Handbook of child psychology**. New York: John Wiley & Sons, v. 1, p. 993-1027, 1998.

CAMPOS, Dinah Martins de Souza. **Psicologia da Adolescência: normalidade e psicopatologia**. 15.ed. Petrópolis: Vozes, 1996.

CAPRA, Fritjof. **A teia da vida: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos**. 6. ed. São Paulo: Cultrix, 1996.

CARVALHO, A. M. A.; BASTOS, A. C. S.B.; RABINOVICH, E. P.; SAMPAIO, S. M. R. Vínculos e redes sociais em contextos familiares e institucionais: uma reflexão conceitual. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v.11, n.3, p. 589-598, set./dez. 2006.

CARVALHO, G. M.; MERIGHI, M. A. B.; JESUS, M. C. P. Recorrência da Parentalidade na Adolescência na Perspectiva dos Sujeitos Envolvidos Texto Contexto- Enferm, Florianópolis, v.18, n.1, p.17-24, Jan-Mar, 2009.

CEBOTAREV, E. A. FAMILIA, SOCIALIZACIÓN Y NUEVA PATERNIDAD. **Revista Latino Americana de Ciencias Sociales, Niños y Juventud**. v.1 n.2 jul-dez, 2003.

CIA, F.; WILLIAMS, L. C. A.; AIELLO, A. L. R. Influências paternas no desenvolvimento infantil: revisão da literatura. **Psicol. esc. educ.**, v.9, n.2, p.225-233, dez. 2005.

CORNEAU, G. **Pai Ausente, Filho Carente: o que aconteceu com os homens?** 1.ed. São Paulo: Brasiliense, 1991. 192p.

CORRÊA, A.C.P; FERRIANI, M.G.C. Paternidade na adolescência: um silêncio social e um vazio científico. *Rev. Gaúcha Enferm.*, Porto Alegre, v.27,n.4, p.499-505, 2006.

DESSEN, M.A.; BRAZ, M.P. Rede social de apoio durante transições familiares decorrentes do nascimento de filhos. **Psicologia Teoria e Pesquisa**, v.16, n.3, p.221-231, 2000.

DIAS, J.; NASCIMENTO, L. C.; MENDES, I. J. M.; ROCHA, S. M. M. Promoção de Saúde das Famílias de Docentes de Enfermagem: apoio, rede social e papéis na família. **Texto Contexto Enferm.**, Florianópolis, v.16, n.4,p.688-95, Out-Dez. 2007.

DUPUIS, Jacques. **Em nome do pai uma história da paternidade**. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 1989.

ERIKSON, Erik. H. **Identidade, juventude e crise**. 2. ed. Rio de Janeiro: Guanabara. 1987. 322p.

FRANCO, Anamélia Lins e Silva; BASTOS, Ana Cecília de Sousa. Um olhar sobre o Programa de Saúde da Família: a perspectiva ecológica na psicologia do desenvolvimento segundo Bronfenbrenner e o modelo da vigilância da saúde. **Psicol. Estud.** v. 7, n. 2, p. 65-72. jan.jul./dez. 2002.

FREUD, Sigmund. **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade**. 1905. Disponível em: <http://books.google.com/books?id=DtblrHV9Bj8C&pg=PA18&dq=Freud+1905&e=V8i-SvfXD4eCygSOotS6Dw&hl=pt-BR#v=onepage&q=Freud%201905&f=false>
Acesso em 27 março 2010.

FROSCH, C. A.; MANGELSDORF, S. C. Marital Behavior, Parenting Behavior, and Multiple Reports of Preschoolers' Behavior Problems: Mediation or Moderation?. **Developmental Psychology**, v.37, n.4, p. 502-519, 2001.

GODINHO, R. A.; SCHELP, J. R. B.; PARADA, C. M. G. L.; BERTONCELLO, N. M.F. Adolescentes e grávidas: onde buscam apoio? **Rev. Latino-am. Enfermagem**, Ribeirão Preto. v.8 n.2, p. 25-32, abril, 2000.

GOLDBERG, Luciane Germano, YUNES, Maria Angela Mattar, FREITAS, José Vicente de. O desenho infantil na ótica da ecologia do desenvolvimento humano. **Psicol. Estud.**, Maringá, v. 10, n. 1, p. 97-106, jan./abr. 2005.

GUERRA, G. M. C. **MELHORIA DAS CONDIÇÕES DE VIDA: análise de uma rede social**. 2006. Dissertação (Mestrado em Educação em Saúde)-Centro de Ciências da Saúde, Universidade de Fortaleza, Fortaleza.

- HEILBORN, M. L. Experiência da Sexualidade, Reprodução e Trajetórias biográficas Juvenis. In: HEILBORN, M. L. AQUINO, E. M. L.; BOZON, M.; KNAUTH, D. R. (org.). **O aprendizado da sexualidade: reprodução e trajetórias sociais de jovens brasileiros**. Rio de Janeiro: Garamond; Fiocruz, 2006. p.29-57.
- KOLLER, Sílvia Helena (org). **Ecologia do desenvolvimento humano: pesquisa e intervenção no Brasil**. São Paulo: Caso do Psicólogo, 2004.
- LEVANDOWSKI, D. C. Paternidade na adolescência: uma breve revisão da literatura internacional. **Estudos de Psicologia**, v.6, n.2, p. 195-209, 2001.
- LEVANDOWSKI, D. C; ANTONI, C.; KOLLER, S. H; et al. Paternidade na adolescência e os fatores de risco e de proteção para a violência na interação pai-criança. **Interações**,v.7,n.13, p.77-100, jun. 2002.
- LIMA, M. C. M. P.; BARBARINI, G. C.; GAGLIARDO, H. G. R. G.; ARNAIS, M. A. O.; GONÇALVES, V. M. G. Observação do desenvolvimento de linguagem e funções auditiva e visual em lactentes. **Rev. Saúde Pública**, v.38, n.1, p.106-112 , 2004.
- MARSHALL, D. B.; ENGLISH, D. J.; STEWART A. J. The Effect of Fathers or Father Figures on Child Behavioral Problems in Families Referred to Child Protective Services. **Child Maltreat**, v.6, p. 290, 2001.
- MARTINS, E.; SZYMANSKI, H. A Abordagem Ecológica de Urie Bronfenbrenner em Estudos com Famílias. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, Rio de Janeiro,v. 4 n. 1,2004.
- MARTINS, Camila Soccio. **A compreensão de família sob a ótica de pais e filhos envolvidos na violência doméstica contra crianças e adolescentes**. 2005. 105p. Dissertação (Mestrado em Enfermagem), Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto.
- MATHIESEN, María Elena, HERRERA, María Olivia, HERRERA, Isidora Recart. **Estudios Pedagógicos**. n. 30, p. 93-109, 2004.
- MEINCKE, Sonia Maria Könzgen. **O Cuidado na Família da Adolescente Grávida Solteira: uma abordagem cultural**. 1999. 200p. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) - Curso de Pós-Graduação em Enfermagem, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.
- MEINCKE, Sonia Maria Könzgen. **A construção da paternidade na família do pai adolescente: contribuição para o cuidado de enfermagem**. 2007. 275 p. Tese (Doutorado em Enfermagem) – Curso de Pós-Graduação em Enfermagem, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

MEINCKE, S. M. K.; CARRARO, T. E. Vivência da paternidade na adolescência: sentimentos expressos pela família do pai adolescente. **Texto contexto - enferm.**, Florianópolis, v. 18, n. 1, mar. 2009.

MENESES, M.P.R. **Redes sociais - pessoais: conceitos, práticas e metodologia**. 2007. 136f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Faculdade de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

MINAYO, M.C.S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 10.ed. São Paulo: Hucitec, 2007. 406p.

MOLINARI, Juliana S de O ; SILVA, Maria de Fátima M C ; CREPALDI, M. A. Saúde e desenvolvimento da criança: a família, os fatores de risco e as ações na atenção básica. **Psicol. Argum.**, Curitiba, v. 23, n. 43, p. 17-26, 2005.

MONTARDO, Jorge. Adolescência e Complexidade. In: MARTINAZZO, Celso Jose (org.) **Educação escolar e outras temáticas: ensaios do pensar complexo**. Ijuí: Unijuí. 2009.

MULLER, Magno Ido. “Agente ainda é muito pouco pai!”: Um estudo sobre os Sentimentos do Pai durante a Gestaçao de sua Companheira. 2005. 50p. Monografia – curso de Enfermagem, Instituto de Ciências da Saúde, Centro Universitário FEEVALE, Novo Hamburgo.

PEARSON, Landon. **Criatividade e iniquidade: análise ambiental das atuais tendências nas Américas que afetam os direitos e o desenvolvimento das crianças**. In: Seção Extraordinária da Assembléia Geral da ONU sobre crianças. Canadá, 2001.

PEREIRA, José Leonídio et al. Sexualidade na adolescência no novo milênio. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, Pró-reitoria de Extensão, 2007.

PERES, F.; ROSENBERG, C.P. Desvelando a Concepção de Adolescência/Adolescente Presente no Discurso da Saúde Pública. **Saúde e Sociedade**, v.7, n.1, p. 53-86, 1998.

PERUCCHI, J.; BEIRÃO, A. M. Novos Arranjos Familiares: paternidade, parentalidade e relações de gênero sob o olhar de mulheres chefes de família. **Psic. Clin.**, Rio de Janeiro, v.19, n.2, p.57 – 69, 2007.

POLIT, D.F.; BECK, C.T.; HUNGLER, B.P. Fundamentos de Pesquisa em Enfermagem: métodos, avaliação e utilização. 5.ed. Porto Alegre: Artmed, 2004.

PRATI, Larissa; COUTO, Maria Clara P. de Paula; MOURA, Andreína; POLETTI, Michele; KOLLER, Silvia H. Revisando a Inserção Ecológica: uma proposta de sistematização. **Psicologia: reflexão e crítica**, v. 21, n. 1, p. 160-169, 2008.

RODRIGUES, E. A. S.; SOUZA, E. P.; GUEDES, C. C.; MADEIRA, A. M. F. O Adolescente e a Vivência da Paternidade: uma abordagem fenomenológica. **Rev. Min. Enf.**, v.7, n.2, p.82-8, jul./dez., 2003.

SANTOS, M. F. et al. Padrões de Interação entre Adolescentes e Educadores num Espaço Institucional: Resignificando Trajetórias de Risco. **Psicologia: Reflexão e Crítica**. v.15, n.1, p.45-52, 2002.

SCHWARTZ, Eda. **O viver o adoecer e o cuidar das famílias de uma comunidade rural do extremo Sul do Brasil**: uma perspectiva ecológica. 2002. 202 p. Tese (Doutorado em Filosofia da Enfermagem) – Programa de Pós-Graduação em Enfermagem, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

SCHELEMBERG, J. M.; PEREIRA, L. D. C.; GRISARD, N.; HALLAL, A. L. C. Características socioeconômicas e psicossociais do pai adolescente. **Arquivos Catarinenses de Medicina**, v. 36, n. 2, 2007.

SILVA, Lurdes Chiossi da. **Violência intrafamiliar contra crianças e adolescentes : uma prática educativa com profissionais da educação**. 2006. 88 p. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) – Fundação Universidade, Federal do Rio Grande, Rio Grande.

SILVA, M.R.S.; LACHARITÉ, C; SILVA, P.A; Lunardi, V. L.; Lunardi, W.D.F. Processos que sustentam a resiliência familiar: um estudo de caso. **Texto & Contexto Enfermagem**, Florianópolis, v.18, n.1, p.92-99, jan./mar. 2009.

SILVEIRA, Paulo. **Exercício da Paternidade**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998. 223p.

SLUZKI, C.E. **A rede social na prática sistêmica**: alternativas terapêuticas. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997.

SOUZA, J.; KANTORSKI, L. P. A rede social de indivíduos sob tratamento em um CAPS ad: o ecomapa como recurso. **Rev. esc. enferm. USP**, São Paulo, v. 43, n. 2, Jun, 2009.

TARNOWSKI, K. S.; PROSPERO, E. N. S.; ELSEIN, I. A participação paterna no processo de humanização do nascimento: uma questão a ser repensada. **Texto contexto - enferm.**, Florianópolis, v. 14, n. esp, 2005 .

TRINDADE, Elly. **“Eu, pai ?!”**: a paternidade na adolescência e seu significado. 1997. 188 f. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo. Ribeirão Preto, 1997.

Triviños, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais** – A pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas; 2008.

WHO. World Healthy Organization. **Definitions**. 2010. Disponível em: <<http://www.who.int/reproductive-health>>. Acesso em: 06 abril 2010.

WRIGHT, L.; LEAHEY, M. **Enfermeiras e famílias**: um guia para avaliação e intervenção na família. 4.ed. São Paulo: Roca, 2009.

Zillmer, Juliana Graciela Vestena. **Práticas de cuidado no contexto das famílias rurais à pessoa com câncer**. 2009. 113f. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) – Programa de Pós-Graduação em Enfermagem. Faculdade de Enfermagem e Obstetrícia. Universidade Federal de Pelotas.

Anexos

Anexo A



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
FACULDADE DE ENFERMAGEM
REDES SOCIAIS DE APOIO A PATERNIDADE NA
ADOLESCÊNCIA -RAPAD





DECLARAÇÃO

Pelotas, 6 de Outubro de 2009

Declaro para os devidos fins que a Mestranda Maria Emilia Nunes Bueno, Mestranda da Faculdade de Enfermagem da Universidade Federal de Pelotas participa ativamente da coleta de dados da pesquisa Redes Sociais de Apoio à Paternidade na Adolescência – RAPAD, que conta com o apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), processo nº 511222/2007-7, sob minha coordenação. Assim sendo está autorizada a utilizar parte dos dados coletados para elaborar sua dissertação intitulada: **Redes de apoio à paternidade na adolescência: uma abordagem sistêmica de cuidado de enfermagem**, sob minha orientação.

Profª Drª Sonia Maria Konzgen Meincke
Coordenadora geral da pesquisa RAPAD

Anexo B

	<p style="text-align: center;">UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS FACULDADE DE ENFERMAGEM E OBSTETRÍCIA DEPARTAMENTO DE ENFERMAGEM</p>	
<p>Redes de apoio à paternidade na adolescência: uma abordagem sistêmica de cuidado de enfermagem</p>		

ESTUDO QUALITATIVO

SEGUNDA ENTREVISTA COM O PAI ADOLESCENTE

DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

Número da Identificação do pai adolescente _____
1. Entrevistador(a): _____
Data da entrevista: __/__/____ Horário de início: __:__

2. Nome do pai adolescente: _____
Endereço: _____
Telefone residencial: (__) _____ Telefone celular: (__) _____
Bairro: _____ Cidade onde mora: _____
Nome do pai: _____
Nome da mãe: _____

QUESTÕES NORTEADORAS

PAI ADOLESCENTE

1. Relate suas atividades de um dia da semana, desde o momento que você acorda até a hora que você volta a dormir.

Se necessário complemente com as questões de apoio:

- Como é a sua participação no cuidado com o bebê?
- O que você faz pelo seu filho?

- Como você se sente fazendo isso?
- Quem cuida do bebê? Como está sendo realizado este cuidado?

2. Relate como é um dia seu de lazer após o nascimento de seu filho.

3. Como era sua vida antes de ser pai?

4. Como é agora a sua vida após você ter se tornado pai?

Se necessário complemente com a questão de apoio:

- Você fez alterou/modificou algo em sua vida para desempenhar a paternidade na adolescência? Comente
- O que é ser pai para você, uma vez que seu filho já tem "X" meses?
- Como você está desenvolvendo a paternidade desde o nascimento do(a) seu(sua) filho(a)?
- Como está sua vida desde o nosso último encontro? Fale sobre isso.

5. Neste período que você se tornou pai, precisou de ajuda?

Se necessário complemente com as questões de apoio:

- Se sim, a quem você recorreu?
- Que tipo de ajuda você necessitou?
- Qual a pessoa que mais lhe auxiliou e ou auxilia a exercer o papel de pai adolescente?
- O que ela fez e/ou faz?

6. Quais os recursos (apoio de familiares e comunitários) que você, disponibiliza/disponibilizou para viver a paternidade na adolescência?

Se necessário complemente com as questões de apoio:

- Qual foi a contribuição da Unidade Básica de Saúde, da igreja, da escola, dos centros comunitários, dos vizinhos para o exercício da paternidade na adolescência?

7. Quando o seu bebê precisou de algum outro cuidado ou atendimento, a que serviços ou instituições você recorreu?

Se necessário complemente com a questão de apoio se o pai adolescente relatar que não precisou de cuidado ou atendimento:

- Se o seu bebê precisar de cuidado ou atendimento que serviço ou instituição você irá recorrer?

8. **Como tem sido a participação da sua família na sua experiência de ser pai?**
9. **Você recebeu alguma orientação significativa/expressiva para vivenciar a paternidade na adolescência? Quem deu? Qual foi?**

FAMÍLIA DO PAI ADOLESCENTE

10. **Como a paternidade na adolescência está sendo experienciada pela família?**

Anexo C

Parecer do Comitê de Ética e Pesquisa



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
FACULDADE DE ODONTOLOGIA
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

PELOTAS, 24 de março de 2008.

PARECER N° 007/2008

O projeto de pesquisa intitulado "REDES SOCIAIS DE APOIO À PATERNIDADE NA ADOLESCÊNCIA" está constituído de forma adequada, cumprindo, na suas plenitudes preceitos éticos estabelecidos por este Comitê e pela legislação vigente, recebendo, portanto, **PARECER FAVORÁVEL** à sua execução.


Prof.º Marcos Antonio Torriani
Coordenador do CEP/FO/UFPEL.
Prof. Marcos A. Torriani
Coordenador
Comitê de Ética e Pesquisa

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
Faculdade de Odontologia
Escritório Administrativo

RECONHECIMENTO
RECONHECIDO a firma de Marcos Antonio Torriani
PELOTAS, 03 ABR 2008
Em testemunho: [Assinatura]
Tamanho: 10x15 cm
Rua Anchieta, 2002 - Fone: (51) 3225-4144

0422.01.0800021.05763

Anexo D



Universidade Federal de Pelotas
 Faculdade de Enfermagem
 Departamento de Enfermagem
 Universidade Federal de Santa Catarina
 Centro de Ciências da Saúde
 Departamento de Enfermagem
 Universidade Federal da Paraíba
 Escola de Enfermagem



Investigadores Responsáveis: Prof^a Enf^a Dr^a Sonia Maria Könzgen Meincke – UFPel
 Prof^a Enf^a Dr^a Telma Elisa Carraro - UFSC
 Prof^a Enf^a Dr^a Neusa Collet - UFPb

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido ao pai adolescente

Concordo em participar do estudo intitulado: “*Redes sociais de apoio à paternidade na adolescência*” sob a coordenação da Prof^a. Enf^a Dra. Sonia Maria Könzgen Meincke (UFPel), o qual tem como objetivo conhecer as redes de apoio à paternidade na adolescência. Estou ciente que todas as mães adolescentes que ganharem seus/suas filhos(as) nas instituições envolvidas no estudo (UFPel, UFSC, UFPb) bem como os pais que são adolescentes participarão voluntariamente do estudo.

PROCEDIMENTOS: Serão realizadas entrevistas com todos os pais adolescentes cujos filhos(as) nasceram nas instituições envolvidas no estudo. Serão realizadas duas entrevistas sendo uma no hospital quando do nascimento do(a) filho(a) e outra no seu domicílio depois de decorrido seis meses de vida do(a) filho(a), a fim de conhecer a vivência da paternidade. Na entrevista responderei perguntas gerais sobre: escolaridade, condições sócio-econômicas e saúde sendo essas específicas a gravidez e a paternidade na adolescência. O anonimato será mantido e os resultados serão usados apenas para fins científicos.

RISCOS: O estudo não desencadeará nenhum risco, pois serão realizadas apenas entrevistas. Não estará incluído nenhum tipo de procedimento doloroso ou coleta de material biológico, ou experimento com seres humanos.

BENEFÍCIOS: Os benefícios aos sujeitos envolvidos no estudo serão as informações e trocas de conhecimentos entre os adolescentes e os pesquisadores para construção de uma assistência humanizada no pré-natal, parto e puerpério bem como ao recém-nascido buscando focar as redes de apoio para vivenciar a paternidade e a maternidade na adolescência.

PARTICIPAÇÃO VOLUNTÁRIA: Como já me foi dito, minha participação neste estudo será voluntária e poderei interrompê-la a qualquer momento, se eu assim o desejar, sem que isso me traga prejuízo algum ao atendimento do meu/minha filho(a).

CONFIDENCIALIDADE: estou ciente que a minha identidade permanecerá confidencial durante todas as etapas do estudo. Sendo que os resultados serão transcritos e analisados com responsabilidade e honestidade.

CONSENTIMENTO: Estou ciente de que recebi claras explicações sobre o estudo, todas registradas neste formulário de consentimento. Os investigadores responderam todas as minhas perguntas até a minha completa satisfação. Portanto, estou de acordo em participar do estudo. Este Formulário de Consentimento Livre e Esclarecido será assinado por mim e por um responsável, caso tenha idade inferior a 18 anos, e arquivado na instituição responsável pela pesquisa.

Assinatura do pai adolescente: _____

Assinatura _____ do _____ responsável:

Data: _____/_____/_____

DECLARAÇÃO DE RESPONSABILIDADE DOS INVESTIGADORES:

Expliquei a natureza, objetivos, risco e benefícios deste estudo. Coloquei-me à disposição para perguntas e as respondi em sua totalidade. A adolescente compreendeu minha explicação e aceitou, sem imposições, assinar este consentimento.

Prof^a. Enf^a Dra. Sonia Maria Könzgen Meincke

Coordenadora Geral
Redes sociais de apoio à paternidade na adolescência - RAPAD
Universidade Federal de Pelotas
Faculdade de Enfermagem

II Relatório do Trabalho de Campo

Relatório do Trabalho de Campo

O presente relatório de campo de pesquisa é elemento integrante de avaliação do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da Faculdade de Enfermagem da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), nível Mestrado, da linha de estudos sobre Práticas de Atenção em Enfermagem e Saúde. A temática abordada foi a **Redes de apoio à paternidade na adolescência**: uma abordagem sistêmica na enfermagem.

Descreve o estudo de abordagem qualitativa, exploratória e descritiva realizado no Mestrado. Foi norteado pelo referencial teórico do Modelo Bioecológico de Urie Bronfenbrenner. Este Modelo possibilita a investigação e a análise do fenômeno através de quatro núcleos inter-relacionados: pessoa, processo, contexto e tempo (modelo PPCT). Desta maneira, promove o conhecimento de como estas pessoas ou grupo familiar vivencia determinada experiência, inseridas em diferentes ambientes ou contextos em que vivem e transitam. Estes contextos possuem aspectos físicos, sociais, ou valorativos que os caracterizam e exercem influência na pessoa e na família, através da continuidade e estabilidade do sistema de relações e da construção de suas rotinas, de sua própria história (BRONFENBRENNER e MORRIS, 1998).

Os dados utilizados para a realização do estudo foram provenientes da pesquisa multicêntrica “Redes Sociais de Apoio à Paternidade na Adolescência”- RAPAD, que apresenta como objetivo principal conhecer as redes de apoio à paternidade na adolescência em três municípios de distintos estados brasileiros (Pelotas - Rio Grande do Sul; Florianópolis - Santa Catarina; João Pessoa-Paraíba).

Os sujeitos da pesquisa RAPAD foram puérperas adolescentes juntamente com os pais adolescentes que eram indicados por elas. O desenvolvimento da pesquisa aconteceu em três hospitais Universitários vinculados as Universidades Públicas dos três Estados brasileiros citados acima.

Para viabilizar as diferentes dimensões do objeto de estudo, a pesquisa RAPAD é constituída de dois subestudos: um quantitativo, que buscou identificar o perfil das puérperas adolescentes e outro qualitativo, que se constituiu em uma investigação mais aprofundada das redes de apoio ao pai

adolescente. O delineamento metodológico do subestudo quantitativo foi subsidiado pela aplicação de um instrumento estruturado que captou o perfil das puérperas adolescentes e serviu como indicador do pai adolescente. Já no subestudo qualitativo foram utilizadas as entrevistas semi-estruturadas, a elaboração de genograma e de ecomapa. As entrevistas semiestruturadas aplicadas aos pais adolescentes foram desenvolvidas em dois momentos: um ao nascimento do filho(a) e outro aos seis meses da vivência da paternidade na adolescência.

Para o subestudo quantitativo os critérios de inclusão foram: estar internada na maternidade do hospital participante do estudo; ser puérpera, com idade inferior a 20 anos, ou seja, estar passando pela adolescência conforme critério cronológico da Organização Mundial de Saúde; ser puérpera adolescente com parto acompanhado no hospital participante do estudo; residir no perímetro urbano da cidade; desejo de participar do estudo e assinatura do consentimento informado.

Já no subestudo qualitativo, os critérios de inclusão foram: idade inferior a 20 anos, ou seja, estar passando pela adolescência conforme critério cronológico da Organização Mundial de Saúde; residir no perímetro urbano da cidade; aceitar receber o entrevistador em seu domicílio; vontade de participar do estudo e assinatura do consentimento informado.

A autora do presente estudo desenvolveu as atividades de Bolsista de Apoio Técnico na pesquisa RAPAD, desta maneira, participou ativamente da coleta de dados no primeiro e segundo momentos do subestudo qualitativo.

Para a realização do presente estudo utilizou-se os dados do segundo momento do estudo qualitativo do Município de Pelotas no Estado do Rio Grande do Sul, realizado seis meses após a vivência da paternidade na adolescência. De um total de 23 pais adolescentes que participaram do primeiro momento da pesquisa RAPAD, 14 pais aceitaram participar da segunda entrevista, sendo que cinco não foram localizados e quatro se recusaram a serem entrevistados novamente.

Para conhecer a população deste estudo, foram agrupados alguns dados com as características econômicas e sociais dos pais adolescentes descritas a seguir.

Dos 14 pais adolescentes participantes da pesquisa, a maioria (6) estava com 19 anos, um deles com 14 e outro com 16 anos, e os demais se encontravam na faixa etária entre 17 e 18 anos. A cor de pele predominante foi a branca (7), sendo que cinco se autodeclararam de cor preta e apenas dois de cor parda. Quanto ao estado civil, a maioria (7) possuía companheira no momento da entrevista, seis se declararam solteiros e apenas um separado. Quanto ao vínculo empregatício, apenas um pai não estava trabalhando, sendo que os demais apresentavam vínculo empregatício informal. A renda média mensal foi de dois salários mínimos. O valor do salário mínimo considerado neste estudo foi de R\$ 465,00. Dos pais entrevistados, apenas um havia concluído o ensino fundamental, os demais (13) possuíam ensino fundamental incompleto.

O segundo momento foi desenvolvido no período de junho de 2009 a junho de 2010. As entrevistas nos domicílios dos pais adolescentes ocorreram nos bairros Fragata, Simões Lopes, Laranjal, Porto, Centro, Três Vendas, Areal, Pestano e Navegantes da cidade de Pelotas. Os pais adolescentes foram contatados por telefone, sendo que já haviam sido informados durante o primeiro momento da entrevista, no qual ficava pré-agendada a data da segunda entrevista.

Na maioria das entrevistas, a pesquisadora foi recebida pelo pai adolescente no ponto do ônibus o que facilitou o acesso para o domicílio do mesmo. Alguns pais adolescentes moravam no mesmo terreno da família, porém em casas separadas, a maioria das casas era simples, porém organizada e limpa. Estavam presentes a companheira e a sogra e nos casos em que o pai adolescente não possuía companheira, apenas a mãe.

Durante as entrevistas, todos os pais mostraram-se receptivos, respondendo as perguntas da entrevista semiestruturada, porém estavam inibidos para falar diante do gravador, o que ficou evidente em alguns momentos após o gravador ser desligado, quando os pais acrescentavam mais informações a respeito de sua vivência da paternidade na adolescência, sendo estes dados registrados em diário de campo. Foi registrado também as observações feitas pela pesquisadora no momento da entrevista, a qual teve uma média de duração de 60 minutos.

Foi durante estas observações que pode-se perceber a interação do pai adolescente junto aos membros da família, amigos e comunidade. Neste contexto observou-se a família como uma rede apoiadora favorecendo a vivência da paternidade na adolescência.

Durante o segundo momento, também foram realizados as revisões dos genogramas e ecomapas confeccionados durante o primeiro momento do estudo qualitativo. As alterações sugeridas nestes instrumentos mostraram que um dos pais alterou o vínculo no ecomapa com a sua sogra, sendo antes um vínculo moderado, que ele, no momento da segunda entrevista, referiu ser um vínculo negativo.

Outro pai acrescentou o nascimento de sobrinhos e outro informou a morte de seus avós. Os demais pais adolescentes não apontaram modificações no ecomapa.

Os dados, após coletados por meio de entrevista semiestruturada e anotações no diário de campo, foram transcritos literalmente, organizados e analisados de acordo com a análise temática proposta por Minayo (2007). A análise temática busca uma afirmação a respeito de determinado assunto através da contagem de frequência das unidades de significação como definitórias do caráter do discurso (MINAYO, 2007). As observações foram realizadas juntamente com as entrevistas sendo transcritas para o diário de campo logo após o término da entrevista pela pesquisadora. Os conceitos de processo, pessoa, contexto e tempo descritos na Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano também fizeram parte das interpretações realizadas.

A análise dos dados foi dividida em etapas: a primeira constou da pré-análise, na qual se fez primeiramente uma leitura flutuante dos dados a fim de familiarizar-se com os mesmos e realizou-se uma análise mais profunda. A segunda etapa, na qual ocorreu a exploração do material, foram evidenciadas as temáticas, que são palavras ou expressões significativas que organizaram o conteúdo das falas e do registro do diário de campo. Na última etapa, foi realizado o tratamento dos resultados obtidos e a interpretação, procurando os significados, e inter-relações com a teoria (MINAYO, 2007).

No presente estudo destaca-se a família como categoria principal dentro da rede social dos pais adolescentes, surgindo assim o núcleo temático: Família: rede social de apoio para a vivência da paternidade na adolescência.

A partir deste tema central, emergiu o artigo final apresentado para a sustentação da dissertação de Mestrado intitulado: **Rede Social de Apoio vivenciada pela Paternidade na Adolescência** que será submetido a avaliação no periódico *Texto & Contexto Enfermagem* avaliada na Capes com Qualis A2.

Referências

BRONFENBRENNER, U. MORRIS, Pamela A. The ecology of developmental process. In: DAMON, W.; SIGEL, I. E.; RENNINGER, K. A. (eds). **Handbook of child psychology**. New York: John Wiley & Sons, v. 1, p. 993-1027, 1998.

MEINCKE, S.M.K. Redes Sociais de Apoio a Paternidade na adolescência. Pesquisa financiada pelo Conselho Nacional de Pesquisa e Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPQ. Edital MCT/CNPq/MS-SCTIE-DECIT/CT-Saúde nº 022/2007.

MINAYO, M.C.S. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. 10.ed. São Paulo: Hucitec, 2007. 406p.

III Artigo

Artigo de sustentação da Dissertação de Mestrado

**REDE SOCIAL DE APOIO VIVENCIADA PELA PATERNIDADE NA
ADOLESCÊNCIA***

**SOCIAL SUPPORT NETWORKS EXPERIENCED BY FATHERHOOD IN
ADOLESCENCE**

**REDES SOCIALES DE APOYO VIVENCIADAS POR LA PATERNIDAD EN
LA ADOLESCENCIA.**

Bueno, Maria Emilia Nunes^I; Meincke, Sonia Maria Könzgen^{II}; Schwartz, Eda^{III}

^I Enfermeira. Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da Faculdade de Enfermagem da Universidade Federal de Pelotas (UFPel), Pelotas, Brasil. Bolsista de Apoio Técnico do CNPQ na Pesquisa Redes de Apoio à Paternidade na Adolescência – RAPAD. E-mail: me_bueno@yahoo.com.br
Endereço: Prof. Araújo, 2149. Bloco J Apto 303. Centro. Pelotas/RS CEP: 96070-030. Fone: (53) 32276935/81190939

^{II} Doutora em Enfermagem pelo Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da Universidade Federal de Santa Catarina, Professora Adjunta II da Faculdade de Enfermagem da UFPel, Brasil. Coordenadora Geral da Pesquisa Multicêntrica: Redes de Apoio à Paternidade na Adolescência – RAPAD. Líder do Núcleo de Estudos em Práticas de Saúde e Enfermagem (NEPEen). E-mail: meincke@terra.com.br

^{III} Doutora em Enfermagem. Professora Adjunta da Faculdade de Enfermagem da UFPel. Universidade Federal de Pelotas, Rio Grande do Sul, Brasil. E-mail: eschwartz@terra.com.br

Resumo: O presente estudo é um recorte da pesquisa multicêntrica intitulada “Redes Sociais de Apoio à Paternidade na Adolescência” – RAPAD, que buscou conhecer as redes de apoio à paternidade na adolescência. Apresenta uma abordagem qualitativa, exploratória e descritiva. Participaram do estudo 14 pais adolescentes que tiveram seus filhos em um hospital de ensino de uma universidade pública do Rio Grande do Sul, Brasil. As entrevistas semiestruturadas, foram pré-agendadas e ocorreram no domicílio dos sujeitos seis meses após o nascimento do filho, no período de junho de 2009 a junho de 2010. Os dados evidenciaram que a rede de apoio dos pais adolescentes estavam alicerçadas principalmente nos pais, sogras, padrastos e irmãos. As ações de apoio identificadas foram de natureza principalmente psicológica e financeira, oriundas das mães ou sogras. A família foi considerada a principal rede de apoio para a vivência da paternidade na adolescência.

Descritores: Paternidade, Adolescente, Apoio social, Enfermagem.

* Trabalho extraído da Dissertação de Mestrado intitulada “Redes de apoio à paternidade na adolescência: uma abordagem sistêmica de cuidado de enfermagem”, apresentada à Faculdade de Enfermagem da Universidade Federal de Pelotas em 2010.

Abstract: This study objectified knowing the support to fatherhood in adolescence networks. It's a fragment of the data of the Social Support to fatherhood in adolescence Network multicentric research, which has a qualitative, exploratory and descriptive approach. 14 teenage fathers participated who accepted to be part of the second moment of investigation. The data collection was developed through semi-structured interviews, pre-scheduled which occurred in the house of the subjects six months after the birth of the child during the period from June of 2009 to July of 2010. The data showed the support to adolescent fathers network were based mainly in parents, parents-in-law, stepparents and siblings. The identified actions of support were mainly of psychological and financial nature originated from the mothers or mothers-in-law. This way, the family was considered the main support network for the fatherhood experience in adolescence.

Descriptors: Fatherhood, Adolescence, Support network, Nursing.

Resumen: Este estudio tuvo como objetivo conocer las redes de apoyo a la paternidad en la adolescencia. Es un recorte de los datos de la investigación multicéntrica Redes Sociales de Apoyo a la Paternidad en la Adolescencia, posee un abordaje cualitativo, exploratorio y descriptivo en el cual participaron 14 padres adolescentes que aceptaron participar del segundo momento de la pesquisa. La colecta de los datos fue hecha por medio de entrevistas semiestructuradas, preagendadas que ocurrieron en los domicilios de los sujetos seis meses antes del nacimiento del hijo durante el período de junio de 2009 a junio de 2010. Los datos evidenciaron que las redes de apoyo de los padres adolescentes estaban cimentadas principalmente en los padres, suegras, padrastros y hermanos. Las acciones de apoyo identificadas fueron de naturaleza, principalmente, psicológica y financiera oriundas de las madres o suegras. De este modo, la familia fue considerada la principal red de apoyo para la vivencia de la paternidad en la adolescencia.

Descriptor: Paternidad, Adolescente, Apoyo social , Enfermería.

INTRODUÇÃO

Tornar-se pai envolve uma construção que se dá através de múltiplas interações que se estabelecem entre uma pessoa e outra, principalmente com aquela que existe um maior vínculo afetivo. Podem ocorrer transformações e mudanças em que a pessoa necessariamente busca uma nova identidade para expressar seu novo papel.¹⁻²

A paternidade é uma relação construída e reconstruída a todo o momento, e seu exercício está permeado por um conjunto de práticas diversas inseridas na relação entre pessoas.¹⁻² No entanto, ocorrendo durante a adolescência, muitas vezes ela é vista como um fator de risco para o crescimento e desenvolvimento saudável do ser humano.

O exercício da paternidade proporciona o desenvolvimento de práticas e habilidades de cuidado. As experiências adquiridas são coconstruídas com o suporte que o pai adolescente recebe da família, amigos e vizinhos², tecendo assim a rede de apoio social para exercitar/vivenciar a paternidade nessa fase da vida do ser humano.

A rede social é considerada “um sistema de interação sequencial” formado por pessoas que podem apoiar, mesmo sem que a pessoa em desenvolvimento esteja presente.^{3:65} Esse apoio é considerado uma função da rede social, que possibilita o bem-estar da pessoa.⁴ Dessa maneira, percebe-se o pai adolescente inserido nos diferentes contextos desta rede, vivenciando a paternidade na interação com as pessoas ao longo do tempo e das gerações.

A rede social é constituída de acordo com as interações entre seus membros, e se estruturam conforme a organização, o tempo e o modo como se estabelecem.⁵

O adolescente necessita constituir estas interações através de relações interpessoais, que podem ser individuais ou integradas em um grupo. A não satisfação destas interações poderá acarretar problemas ao adolescente que, conseqüentemente, irão afetá-lo na vida adulta.

Nesse sentido, a rede social de apoio pode contribuir para minimizar a maioria das necessidades que o pai adolescente poderá apresentar durante o exercício da paternidade, oferecendo base de sustentação para que ele exercite o seu papel de pai

frente à criança, à família e à sociedade, contribuindo para o desenvolvimento de uma família saudável.⁶

Portanto, consider-se a importância do pai adolescente contar com uma rede de apoio social diversificada, composta pela família, escola, amigos, comunidade, bem como os serviços de saúde.

Sendo assim, o adolescente que vivencia o processo da paternidade pode encontrar na rede social de apoio a sustentação para uma efetiva estruturação individual e social, assim como para o exercício da paternidade. Diante disso, este estudo teve como objetivo conhecer a rede social de apoio do pai adolescente no exercício da paternidade.

METODOLOGIA

Este estudo é um recorte da pesquisa multicêntrica: “Redes Sociais de Apoio à Paternidade na Adolescência” – RAPAD⁷. Possui uma abordagem qualitativa, exploratória e descritiva, uma vez que buscou apreender como o pai adolescente exercitou a paternidade nessa fase do desenvolvimento humano e suas interações com a rede de apoio.

Os sujeitos foram os pais adolescentes de uma cidade do sul do Estado do Rio Grande do Sul selecionados no banco de dados da pesquisa RAPAD e que aceitaram participar do segundo momento do estudo qualitativo.

Apresentou como critérios de inclusão: idade inferior a 20 anos; residir no perímetro urbano da cidade; aceitar receber o entrevistador em seu domicílio, bem como o desejo de participar do estudo e assinatura do Consentimento Livre e Esclarecido. As entrevistas foram pré-agendadas e ocorreram no domicílio dos sujeitos seis meses após o nascimento do filho, no período de junho de 2009 a junho de 2010.

Dos 23 pais adolescentes que participaram do primeiro momento da pesquisa RAPAD, 14 pais aceitaram participar do segundo momento da pesquisa. Sendo que cinco não foram localizados e quatro se recusaram a serem entrevistados novamente.

⁷ Pesquisa multicêntrica, financiada pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq sob processo nº 551222/2007-7. Realizada em três hospitais universitários vinculados a universidades públicas de três estados brasileiros: Rio Grande do Sul (RS), Santa Catarina (SC) e Paraíba (PB). A pesquisa apresentou um subestudo quantitativo e outro qualitativo, o qual foi dividido em dois momentos: o primeiro ocorreu logo após o nascimento do(a) filho(a) do pai adolescente e o segundo seis meses após o nascimento.

A coleta dos dados foi realizada através de entrevistas semiestruturadas, que possibilitam a introdução de questionamentos básicos e até aprofundar outras questões que poderiam surgir, proporcionando aos participantes uma liberdade de expressão e espontaneidade que enriquecessem a pesquisa.⁷

Os dados foram submetidos à análise temática, identificando os núcleos de sentido presentes nas falas dos sujeitos. Para isso foram desenvolvidas três etapas: pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados obtidos e interpretação. Na primeira etapa, os dados obtidos foram organizados para a realização de uma análise mais profunda, sendo feita uma leitura flutuante do conjunto das comunicações. Na segunda etapa buscou-se as categorias, que são palavras ou expressões significativas que organizam o conteúdo das falas. E na última etapa, a partir da organização dos dados, foram realizadas as interpretações, procurando os significados e inter-relações com a teoria.⁷

A pesquisa RAPAD foi aprovada pelo Comitê de Ética da Faculdade de Odontologia da Universidade Federal de Pelotas no dia 24/03/2008, sob o Protocolo nº 007/2008. Este estudo obedeceu aos preceitos éticos, garantindo o anonimato dos sujeitos, e para tanto os mesmos foram identificados por nomes fictícios escolhidos pela autora, seguidos da idade. Aos menores de 18 anos foi solicitada também a assinatura dos pais ou responsáveis que estivessem presente no momento da entrevista, a fim de cumprir a Lei nº. 10.406⁸, de 10 de janeiro de 2002, do Código Civil Brasileiro.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O Modelo Bioecológico guiando a compreensão da paternidade na adolescência

Para melhor compreender os dados deste estudo, buscou-se subsídios no Modelo Bioecológico de Urie Bronfenbrenner, que apresenta como componentes específicos definidores: o processo, a pessoa, o contexto e o tempo, também denominado PPCT. Esse Modelo permite analisar o ser humano em desenvolvimento interagindo junto ao ambiente ecológico, destacando-se que os processos proximais ocorrem junto aos contextos por meio de interações em diversos níveis de diferentes sistemas⁹

Sendo assim, destacam-se no Modelo PPCT os processos proximais, que são interações recíprocas progressivas e complexas que acontecem ao longo do tempo entre um ser humano ativo em evolução e as pessoas, objetos e símbolos em seu ambiente externo imediato. Os processos proximais são considerados mecanismos principais de produção do desenvolvimento humano.¹⁰

Desse modo, pode-se dizer que esse modelo teórico aborda o comportamento do ser humano (Pessoa) através das relações/interações que ele apresenta com outras pessoas/objetos/símbolos e ambientes (Contexto) durante o ciclo do desenvolvimento humano (Processo) através das gerações (Tempo). Assim sendo, o processo desenvolvimental do pai adolescente está relacionado aos componentes definidores do Modelo PPCT.⁹

O Modelo de Bronfenbrenner possui uma abordagem sistêmica, o que significa compreender um fenômeno dentro do contexto de um todo maior.¹¹ Sendo assim, para compreender a paternidade na adolescência foi necessário observar o pai adolescente como um todo funcional interagindo junto ao contexto do ambiente imediato da família (microsistema), escola e comunidade (mesossistema), até mesmo nos ambientes em que ele não necessariamente estivesse presente, mas podendo afetar indiretamente no seu contexto (exossistema).

Logo, pode-se dizer que o pai adolescente está em constante processo de desenvolvimento ao interagir, de maneira progressiva, junto às pessoas no exercício da paternidade em seu ambiente proximal, através das interações. É neste processo desenvolvimental do adolescente que se percebe a família como uma rede apoiadora, favorecendo a vivência da paternidade na adolescência.

Desse modo, a partir das entrevistas do presente estudo destaca-se a família como categoria principal dentro da rede social de apoio dos pais adolescentes, surgindo assim o seguinte núcleo temático: Família: rede social de apoio para a vivência da paternidade na adolescência.

Com intuito de facilitar o entendimento sobre o estudo, fez-se necessário esboçar primeiramente as características demográficas e sociais da população referida, as quais são apresentadas a seguir.

Do total de pais adolescentes participantes da pesquisa, a maioria (6) estava com 19 anos, um deles com 14 e outro com 16 anos, e os demais se encontravam na faixa etária entre 17 e 18 anos. A cor de pele predominante foi a branca (7), sendo que cinco se autodeclararam de cor preta e apenas dois de cor parda. Quanto ao estado civil, a maioria (7) possuía companheira no momento da entrevista, seis se declararam solteiros e apenas um separado. Quanto ao vínculo empregatício, apenas um pai não estava trabalhando, sendo que os demais apresentavam vínculo empregatício informal. A renda média mensal foi de dois salários mínimos. O valor do salário mínimo considerado

neste estudo foi de R\$ 465,00. Dos pais entrevistados, apenas um havia concluído o ensino fundamental, os demais (13) possuíam ensino fundamental incompleto.

A partir dos dados observa-se que esta população apresentou baixa escolaridade, com apenas um pai que continuava estudando. Os dados demonstraram também, que a maioria dos pais adolescentes possuía algum tipo de vínculo empregatício e vivia com a companheira, sendo a mesma, a mãe de seu filho(a).

Em uma investigação realizada no Rio de Janeiro, os autores destacaram que poucos pais adolescentes apresentavam trabalho remunerado.¹² Já, no presente estudo, apesar da maioria dos pais ter algum tipo de vínculo empregatício, a renda mensal apresentou-se baixa. Esses dados vão ao encontro da pesquisa realizada em Florianópolis, comparando pais adultos e adolescentes, em que a renda mensal dos pais adolescentes apresentou-se significativamente baixa em relação aos pais adultos.¹³

Pesquisas realizadas com pais adolescentes destacaram que a principal mudança ocorrida durante o exercício da paternidade foi a inserção no mercado de trabalho. A maioria dos adolescentes começou a trabalhar como consequência da paternidade, por considerar o trabalho de fundamental importância para o cumprimento das responsabilidades paternas no provimento das necessidades do filho.¹⁴⁻¹⁵

Assim sendo, acredita-se que possuir um vínculo empregatício pode significar ao pai adolescente uma afirmação para realizar a transição da fase da adolescência à vida adulta, favorecendo o comprometimento com a paternidade.¹⁵

No entanto, além da consolidação através do trabalho, o adolescente procura também um embasamento junto à sua família, a qual favorece a construção da vivência da paternidade, proporcionando, além do apoio para suprir suas necessidades financeiras, o apoio psicológico que é fundamental para o exercício da paternidade.

Família: rede social de apoio para a vivência da paternidade na adolescência

De acordo com o Modelo Bioecológico de Urie Bronfenbrenner, a família é vista inter-relacionada com outros sistemas, levando em consideração, além das características individuais e das relações dentro da mesma (microsistema), as mudanças junto ao contexto social mais afastado (meso, exo e macrossistema) em um determinado tempo.⁹

Desse modo, ao analisar a família como uma rede social de apoio ao pai adolescente em sua vivência da paternidade, é possível observá-la na vertente do olhar

sistêmico, no qual o pai adolescente interage dentro de seu microsistema, bem como nos ambientes mais afastados. Ao vivenciar essas interações, destaca-se que o pai adolescente está tecendo suas redes de apoio, as quais, segundo Gracia⁴, são o conjunto de relações que desempenham funções de apoio.

As redes de apoio tendem a sofrer mudanças de acordo com o contexto sociocultural, o tempo histórico e o estágio de desenvolvimento do ser humano e da família.¹⁶ Assim, na transição da infância para a idade adulta, o adolescente, ao vivenciar a paternidade nessa etapa do desenvolvimento humano, pode ter sua rede de apoio alterada em relação às pessoas com as quais interage e às funções que exercem.

Pode-se dizer também que, ao observar a família sob a ótica sistêmica, as transformações advindas do contexto do adolescente, ao tornar-se pai, ocorrem também dentro do sistema familiar. Nessa fase, as famílias também estão respondendo e ajustando-se às novas demandas do adolescente que vivencia a paternidade.¹⁷

A paternidade na adolescência é vivenciada de acordo com a cultura e geralmente está alicerçada em valores e sentimentos das famílias construídos ao longo das gerações.⁶ A família, neste estudo, é entendida como sendo um grupo de pessoas cujos membros dizem fazer parte dela, podendo essas pessoas serem ou não ligadas por consangüinidade e aliança.^{18:48}

Para os adolescentes, os membros da família que mais se destacaram como rede de apoio foram os pais, as sogras, os padrastos, os irmãos, as avós e as madrinhas. Já, em outros estudos, pôde-se observar a participação mais direta dos pais e avós com relação ao apoio financeiro, bem como quanto ao cuidado com o bebê.¹⁵⁻¹⁹

Cabe salientar que a qualidade das relações e atividades que acontecem dentro da família é essencial para o exercício da paternidade. Assim, para que o pai adolescente possa desenvolver o processo da paternidade, é fundamental que exista uma boa comunicação entre os membros da família, a fim de potencializar e auxiliar o estabelecimento de relações mais satisfatórias na rede de apoio.²⁰

A família exerce forte influência junto ao adolescente²⁻¹⁹, motivando-o a vivenciar o processo da paternidade. Esse evento pode ser evidenciado nas falas, quando o pai adolescente aponta que o apoio recebido da família foram diálogo e conselhos. *Minha família, minha mãe, só... mais é conselho mesmo, conversa mesmo. Como criar o filho daqui para frente. Conselho de mãe. Se está faltando alguma coisa, de vez em quando, ele (pai) me dá dinheiro para eu comprar. Fora o carinho que ele dá para a criança também. (Carlos Alberto 19)*

A minha sogra me ajudou, até agora ela está me ajudando, minha mãe também. Me aconselham a arrumar serviço, falam das pessoas que eu ando também, para eu parar com isso e arrumar serviço. (Clóvis 19)

Observa-se que por meio dos diálogos e conselhos os familiares procuraram passar seus valores socialmente constituídos e comportamentos valorizados, a fim de estabelecer um vínculo forte com o adolescente, formando a rede de apoio.

O apoio através do diálogo também foi destacado na fala de Bernardo 19, o que o auxiliou a buscar a aceitação da paternidade. *Não acreditava que era meu filho entendeu?... Foi minha primeira experiência, eu não sabia como fazer, não sabia como reagir, eu pegava aquela criança e achava que era filho de outra pessoa... Então sentavam (família) comigo e conversavam, e com o tempo eu fui começar a ver que realmente eu que era errado. (Bernardo 19)*

A busca pela aceitação da paternidade é um processo lento e difícil para o adolescente, requer o auxílio de uma rede de apoio embasada no diálogo e na compreensão.²¹ A família pode fazer o papel de mediadora nessa fase de transição da adolescência para a vida adulta, ocasionada de forma inesperada pela paternidade. Isso foi evidenciado na fala de Bernardo 19, quando o adolescente ressaltou que foi após as conversas com sua família que ele realmente conseguiu ajudar no cuidado com o filho.

Bernardo 19 declarou em outra fala, a respeito da percepção do apoio familiar, que isso apenas foi observado por ele após ter se tornado pai. *Foi realmente depois que o meu filho nasceu que eu vi que a minha família está do meu lado, apesar de todas as brigas e os desentendimentos. (Bernardo 19)*

A família, para o pai adolescente, é vista como rede de apoio tanto no suprimento das necessidades financeiras como emocionais, fornecendo uma base consistente de apoio no exercício da paternidade.⁶

Em algumas falas dos sujeitos, pode-se evidenciar o apoio através dos conselhos, bem como financeiramente. *Minha mãe me ajuda e meu padrasto de vez em quando também. Ela me ajuda em tudo, comprando as coisas, que ela (filha) nasceu prematura (de seis meses) e tinha que tomar o Nestogeno, o leite, e estava R\$ 22,00 uma latinha e durava três dias. Aí ficava difícil. Quando eu não tinha, minha mãe comprava e meu padrasto também. (Renato 18)*

Tive ajuda da minha mãe, da minha avó e da minha sogra para construir a casa. Eles me ajudaram, me deram a maioria das coisas. (Guilherme 18)

Em um estudo que descreve jovens de 18 a 24 anos que experimentaram a maternidade e a paternidade na adolescência, a família se constituiu como uma fonte de apoio material desses jovens. O apoio das avós maternas dos pais adolescentes também foi destacado, uma vez que elas estavam sempre próximas aos netos, assumindo responsabilidade de cuidado com eles.¹⁵

Já, no presente estudo, além da participação das avós dos pais adolescentes, pode-se verificar a presença, principalmente, das mães e sogras como fonte apoiadora tanto financeira como psicológica para os pais adolescentes.

Constata-se que o adolescente encontra-se fragilizado durante a transição da fase da adolescência para a idade adulta, soma-se a este momento o fato de assumir a paternidade. Portanto, esse apoio junto à família é fundamental para que ele possa superar os desafios encontrados nessa nova etapa de sua vida.

O suporte oferecido pelas famílias tem sido constatado em estudos realizados com adolescentes que experienciam a paternidade e maternidade, tanto através de apoio financeiro como psicológico.²⁻⁶⁻¹⁵⁻²²

Ainda que tenham ocorrido, nos últimos tempos, importantes mudanças no que se refere à família de forma geral, mantém-se inalterável a sua função de apoio, proteção e responsabilidade para com seus filhos.²⁰

Com a chegada de um filho, são exigidas da família novas estratégias para lidar com as tarefas de desenvolvimento, capacidade de adaptação para receber o novo membro e habilidades para administrar as necessidades emergentes do sistema.¹⁶

Uma das habilidades importantes para a qual o pai adolescente necessita de apoio e orientação é quanto ao cuidado do seu filho. Nos depoimentos dos sujeitos do presente estudo evidenciou-se a necessidade desse apoio, que a maioria encontrou junto à família. *Meu pai me ajuda, minha mãe me ajuda a cuidar... No caso, cuida dele só à noite, quando eu chego... Eu saio de lá às 19 h, às vezes eu tardo um pouco e chego 20h, 20:30h (Roberto Carlos 17).*

Agora que a gente sabe que, quando ele está com dor de ouvido, essas coisas, aí eu, como minha mãe já teve três, aí minha irmã chama minha mãe para ver, minha mãe sabe. (Ricardo 19)

No caso do Ricardo 19, ele relatou não ter experiência no cuidado quando o filho estava doente, buscando, então, ajuda com a mãe, que apresentava uma vivência maior a respeito do cuidado com crianças.

Para Bernardo 19, que no início não conseguia aceitar a paternidade, necessitando do apoio familiar quanto ao diálogo e conselhos, também contou com o apoio da família para cuidar de seu filho. *Então foi nisso aí que eles me ajudaram, a fazer “cair a minha ficha” para ver se eu ajudava a criar meu filho, a cuidar como pai, a me preocupar como pai (Bernardo 19).*

A família, muitas vezes por julgar o adolescente incapaz de realizar o cuidado com o filho, acaba assumindo as responsabilidades do cuidado, impedindo o exercício da paternidade.¹⁹

Os pais adolescentes do presente estudo obtiveram o apoio em relação ao cuidado, no sentido de auxiliar e esclarecer quanto à maneira com que se deve proceder para a realização do cuidado, oportunizando ao pai adolescente experienciar e vivenciar esse momento.

Assim, a partir da relação de trocas de experiências, pode-se observar que o pai adolescente sente segurança através do apoio parental, ressaltando então a importância desse fator para a vivência da paternidade, principalmente na fase da adolescência.

Considerações finais

Ao estudar a família como rede social de apoio para a vivência da paternidade, observa-se que esse apoio foi considerado fundamental para o exercício da paternidade, segundo os relatos dos pais adolescentes. Esse apoio reforça a importância da rede social para a saúde física e emocional do ser humano e, conseqüentemente, da família, pois, conforme os relatos, o apoio interferiu de forma positiva na vida dos depoentes.

O estudo revelou que, durante o exercício da paternidade, a rede de apoio dos pais adolescentes foi formada principalmente pelos seguintes membros da família: mãe, pai, sogra, padrasto e irmãos. As ações de suporte identificadas no estudo foram de natureza psicológica e financeira, oriundas principalmente da mãe ou da sogra, o que reforça a família como papel de destaque de fonte apoiadora ao pai adolescente.

Cabe ressaltar que existe uma fragilidade na rede social dos adolescentes deste estudo, uma vez que eles contaram somente com o apoio da família para vivenciar a paternidade na adolescência, o que poderá restringir as relações no seu processo de desenvolvimento.

A rede social para ser efetiva necessita ser extensiva e alcança tanto o mesossistema quanto o exossistema, para que, assim, possam exercer sua função de

apoio. Na situação dos pais adolescentes deste estudo, existiu uma carência nessa rede, pois o pai recorreu somente à rede familiar para obtenção de apoio à vivência da paternidade.

Observa-se a necessidade da intervenção dos profissionais de saúde, bem como da enfermagem, para que possa estar atuando junto a esta população, buscando novas políticas voltadas para a inserção dos pais adolescentes nos serviços de saúde, promovendo assim, programas que tragam subsídios para este pai exercitar a paternidade.

Cabe ressaltar também a importância de outras parcerias na consolidação da rede social como a escola, os amigos, a comunidade e a Unidade Básica de Saúde, principalmente na fase da adolescência, as quais também podem servir de suporte para o processo de desenvolvimento e a vivência da paternidade na adolescência.

REFERÊNCIAS

- 1 Silveira P. Exercício da Paternidade. Porto Alegre: Artes Médicas; 1998.
- 2 Meincke SMK. A construção da paternidade na família do pai adolescente: contribuição para o cuidado de enfermagem. [Tese]. Florianópolis (SC): Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Enfermagem; 2007.
- 3 Bronfenbrenner U. A Ecologia do Desenvolvimento Humano: experimentos naturais e planejados. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996. p.65.
- 4 Gracia E. El apoyo social en la intervención comunitaria. Barcelona: Paidós; 1998.
- 5 Rangel MMP. Redes sociais: pessoais: conceitos, práticas e metodologia. [Tese] Porto Alegre (RS): Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul Programa de Pós-Graduação em Psicologia; 2007.
- 6 Meincke SMK, Carraro TE. Vivência da paternidade na adolescência: sentimentos expressos pela família do pai adolescente. Texto Contexto Enferm. 2009 Jan-Mar; 18(1):83-91.
- 7 Minayo MCS. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. 10ª ed. São Paulo: Hucitec; 2007.
- 8 Brasil. Lei n. 10.406, de 10 de Janeiro de 2002. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. Institui o Código Civil. D.O.U. de 11 de janeiro de 2002, p. 1. Brasília (DF). 2002.
- 9 Bronfenbrenner U, Morris PA. The ecology of developmental process. In: Damon W, Sigel IE, Renninger KA (eds). Handbook of child psychology. New York: John Wiley & Sons; 1, 1998. p. 993-1027.

- 10 Bronfenbrenner U, Evans GW. Developmental science in the 21st Century: Emerging questions, theoretical models, research designs and empirical findings. *Social Development.*, 9(1), 2000. p. 115-25.
- 11 Capra F. A teia da vida: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos. 6ª ed. São Paulo: Cultrix; 2001.
- 12 Cabral CS. Gravidez na adolescência e identidade masculina: repercussões sobre a trajetória escolar e profissional do jovem. *Rev. Bras. Estud. Popul.* 2002 Jun-Jul; 19(2), p:179-196.
- 13 Schelemberg JM, Pereira LDC, Grisard N, Hallal ALC. Características socioeconômicas e psicossociais do pai adolescente. *Arquivos Catarinenses de Medicina.* 2007; 36(2): 62-8.
- 14 Trindade ZA, Menandro MCS. Pais adolescentes: vivência e significação. *Estud. psicol. Natal (RN).* 2002 Jan; 7(1): 15-23.
- 15 Dias AB, Aquino EML. Maternidade e paternidade na adolescência: algumas constatações em três cidades do Brasil. *Cad. Saúde Pública, Rio de Janeiro.* 2006 Jul; 22(7):1447-1458.
- 16 Dessen MA, Braz MP. Rede Social de Apoio Durante Transições Familiares Decorrentes do Nascimento de Filhos. *Psicologia: Teoria e Pesquisa.* 2000 Set-Dez; 16(3): p. 221-31.
- 17 Carter B, McGoldrick M. As mudanças no ciclo de vida familiar: uma estrutura para a terapia familiar. 2ª ed. Porto Alegre: Artes Médicas. 2001.
- 18 Wright L, Leahey M. Enfermeiras e famílias: um guia para avaliação e intervenção na família. 4ª ed. São Paulo: Roca. 2009.
- 19 Corrêa ACP. Paternidade na Adolescência: vivências e significados no olhar de homens que a experimentam. [tese]. Ribeirão Preto(SP):Universidade de São Paulo. Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto; 2005.
- 20 Tornis NHM, Lino AIA, Santos MAM, Lopes CLR, Barbosa MA, Siqueira KM. Sexualidade e Anticoncepção: o conhecimento do escolar/adolescente. *Revista Eletrônica de Enfermagem.* 2005.7(3): p. 344-50.
- 21 Luz AMH, Berni NIO. Processo da paternidade na adolescência. *Rev Bras Enferm.* 2010 Jan-Fev; 63(1): 43-50.
- 22 Hoga LAK, Borges ALV, Reberte LM. Razões e reflexos da gravidez na adolescência: Narrativas dos membros da família. *Esc Anna Nery Rev Enferm.* 2010 Jan-Mar; 14(1): 151-57